

ERA UMA VEZ NO NORTE



DO MESMO AUTOR DE
Fronteiras do Universo

PHILIP
PULLMAN



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor, ou usados de maneira ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é inteiramente coincidente.

Copyright Texto © 2008 por Philip Pullman. Copyright Ilustrações © 2008 por John Lawrence. Copyright Design © 2008 por Together Design Limited com base em um conceito da Trickett & Webb Limited.

Todos os direitos reservados. Publicado nos Estados Unidos pela Alfred A. Knopf (um selo da Random House Children's Books, divisão da Random House, Inc., Nova York), e simultaneamente no Reino Unido pela David Fickling Books (um selo da Random House Children's Books). Sem edição oficial para a língua portuguesa.



Esta é uma tradução **não-oficial** feita de fã para fã, disponibilizada com o objetivo de fornecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo.

Caso queira contribuir para a revisão desta edição, encaminhe suas observações ao endereço flavio.caique@gmail.com, colocando no Assunto “Tradução — Pullman”.



ERA UMA VEZ NO NORTE

Philip Pullman

Ilustrações de John Lawrence

Tradução de Flávio Caique

Fronteiras do Universo, de Philip Pullman

A Bússola de Ouro

A Faca Sutil

A Luneta Âmbar

A Oxford de Lyra

The Collectors

O Livro das Sombras, Volume I: La Belle Sauvage



O balão de carga surrado vinha de uma tempestade sobre o Mar Branco, perdendo altitude rapidamente e balançando com o forte vento noroeste, ao passo que o piloto corrigia as palhetas e tentava ajustar a válvula de gás. Ele era um homem jovem, magro, usava um chapéu largo, tinha uma disposição lacônica e um bigode fino e, neste momento, dirigia-se ao depósito da Barents Sea Company, cuja localização havia sido marcada em um pedaço de papel preso à bitácula da gôndola. Ele podia ver o depósito se espalhar ao redor do pequeno porto que ficava à frente — um conjunto de edifícios administrativos, um hangar, um galpão, oficinas, alguns tanques de armazenamento de gás e o maquinário; tudo se aproximava freneticamente. O aeróstata teve que fazer ajustes rápidos em tudo o que podia controlar a fim de evitar o telhado do hangar e dirigir-se para o espaço aberto além do armazém.

A válvula de gás estava emperrada. Ele precisaria de uma chave, mas a única ferramenta que tinha às mãos era seu velho e sujo revólver. O piloto o puxou do coldre em sua cintura e o usou para golpear a válvula até que, de repente, ela se soltou de uma só vez, liberando mais gás do que ele realmente queria. O balão cedeu e começou a cair subitamente, mergulhando depressa e dispersando um grupo de homens que estava reunido em torno de um trator quebrado. A gôndola se chocou contra o chão duro e foi se arrastando atrás do balão que esvaziava, percorrendo todo o espaço aberto até que, finalmente, parou a apenas alguns metros de distância de um tanque de gás.

Cuidadosamente o piloto desembaraçou os dedos da corda que estava segurando, enquanto tentava identificar a posição que se encontrava no balão. Tirou a caixa de ferramentas de cima das pernas, secou a oleosidade dos olhos e esforçou-se para se colocar de pé.

— É, Hester, parece que estamos pegando o jeito da coisa — disse ele. Sua daemon, uma pequena lebre bastante sarcástica, sacudiu as orelhas ao escalar o emaranhado de instrumentos, roupas de frio, equipamentos quebrados e cordas. Tudo estava encharcado.

— Não tenho nem palavras para me expressar, Lee — respondeu ela.

Lee encontrou seu chapéu em meio à confusão e teve que esvaziar a água de dentro dele antes de acomodá-lo na cabeça. Só então tomou conhecimento do público que o observava: os homens do trator, dois funcionários da fábrica de gás (um deles levando as mãos à cabeça por ter escapado do acidente), e o escriturário do prédio administrativo, que usava uma roupa de mangas compridas e estava parado junto à porta, boquiaberto.

O aeróstata acenou animado para eles e voltou-se para deixar o balão em segurança. Lee tinha orgulho de seu balão. Ganhara-o em um jogo de pôquer no Texas há seis

meses. Estava com apenas vinte e quatro anos, pronto para se aventurar e seguir para onde quer que o vento desejasse levá-lo — e era bom que estivesse mesmo, pois como Hester sempre o lembrava, o balão não seguiria outro rumo que não o do vento.

Levado então pelas brisas do acaso, e muito auxiliado pela primeira metade de um volume esfarrapado de *Os Elementos da Navegação Aérea* — que seu oponente no jogo de pôquer adicionara gratuitamente ao prêmio (a outra metade havia sumido) —, Lee seguiu para o Ártico, parando onde quer que encontrasse um serviço, até desembarcar, por fim, em Novy Odense. A ilha parecia ser um lugar cheio de trabalho a ser feito, o que era bom, pois os seus bolsos já estavam quase vazios.

Ficou uma hora ou duas deixando tudo em ordem e depois, assumindo uma indiferença digna de um verdadeiro príncipe dos ares, caminhou até o prédio administrativo para pagar pelo armazenamento do balão.

— O senhor veio pelo óleo? — perguntou o escriturário atrás do balcão.

— Ele veio para ter lições de voo, isso sim — disse um homem que bebia café sentado próximo ao fogão.

— Ah, sim — assentiu o escriturário — Nós vimos sua aterrissagem. Impressionante!

— E que óleo seria esse? — indagou Lee.

— Ah — disse o escriturário, piscando. — Certo, está brincando! Entendi. O senhor não ouviu nada de mim sobre nenhuma corrida por óleo, ok? Supus que trabalhasse com o óleo pétreo, mas não direi mais nada. Está a serviço da Larsen Manganese?

— Eu sou um aeróstata — disse Lee. — É por isso que tenho um balão. Vai me dar um recibo?

— Aqui está — disse o escriturário, carimbando e entregando o papel.

Lee o enfiou no bolso do colete e perguntou:

— O que é essa Larsen Manganese?

— É uma grande companhia de mineração, muito rica. O senhor é rico?

— Pareço ser?

— Não.

— Bem, nisto está certo — disse Lee. — Mais alguma coisa que eu precise fazer antes de poder sair e gastar todo meu dinheiro?

— Deve passar pela Aduana — respondeu o escriturário. — Fica próxima ao portão principal.

Encontrou com facilidade o Escritório de Aduana e Receita e preencheu um formulário sob as instruções de um jovem oficial sisudo.

— Vejo que o senhor possui uma arma — disse o oficial.

— Isso é contra a lei?

— Não. Trabalha para a Larsen Manganese?

— Não faz mais de cinco minutos que cheguei aqui e já duas pessoas me perguntam isto. Até vir para cá, nunca tinha ouvido falar nessa Larsen Manganese.

— Tem sorte — disse o oficial. — Abra o saco de viagem, por favor.

Lee ofereceu o escasso conteúdo da bagagem para inspeção — que não durou mais do que cinco segundos.

— Obrigado, sr. Scoresby! Creio que seja interessante informá-lo que o único órgão legítimo de exercício da lei aqui em Novy Odense é o Escritório de Aduana e Receita. Não há força policial, o que significa que, se porventura alguém vier a transgredir a lei,

somos nós que lidamos com a situação, e permita-me lhe assegurar que o fazemos sem hesitações.

— Fico feliz em ouvir isto — respondeu Lee. — Garanta-me um ambiente ordeiro todos esses dias, está bem?

Ele pendurou o saco de viagem no ombro e partiu para a cidade. Era o fim da primavera, a neve estava suja e a estrada, cheia de buracos. Os prédios da cidade eram, em sua maioria, feitos de madeira — provavelmente importada, já que poucas árvores cresciam na ilha. As únicas exceções à vista eram algumas construções feitas com pedras escuras, que davam um ar sombrio e desaprovador ao centro da cidade: uma capela de aspecto desagradável dedicada a São Petrônio, o paço municipal e um banco. Apesar do vento tempestuoso, a cidade estava impregnada pelo cheiro da indústria. Havia refinarias de óleo de peixe, de foca, e também de óleo pétreo, além de um curtume e uma fábrica de pescados em conserva. Todos esses odores assaltavam o nariz de Lee e lhe afligiam os olhos à medida que o vento os trazia através das ruas estreitas.

Mas a coisa mais interessante ali eram os ursos. Na primeira vez que viu um deles caminhando fortuitamente por um beco, Lee mal conseguiu acreditar em seus olhos. Imenso, silencioso, os pelos em tom de marfim, era impossível ler as expressões da criatura, mas não restava a menor dúvida quanto ao imenso poder daqueles membros, daquelas garras, daquele ar inumano de autocontrole. Havia mais deles na cidade, reunidos em pequenos grupos pelas esquinas, dormindo em vielas, ou trabalhando ocasionalmente: puxando carrinhos ou levantando blocos em um canteiro de obras.

Os habitantes da cidade pareciam não notar sua presença, exceto quando precisavam se desviar deles na rua. Lee também reparou que os ursos não olhavam diretamente para as pessoas.

— Eles querem fingir que não existem — comentou Hester.



Na maior parte do tempo, os ursos ignoravam as pessoas, mas, uma vez ou outra, Lee percebia olhares carregados de uma raiva taciturna naqueles pares de olhos pequenos e de um negro intenso, ou o grunhido baixo e logo suprimido quando uma mulher

bem vestida permaneceu parada, esperando que um urso lhe desse passagem. Todavia, ambos (ursos e pessoas) sempre abriam caminho quando um par de homens trajando uniformes bordô caminhava pelo passeio. Eles carregavam pistolas e cassetetes, o que fez Lee julgar que fossem os homens da Aduana.

De modo geral, o ambiente estava saturado de tensão e ansiedade.

Lee procurou um lugar para comer. Escolheu um bar de aparência barata e pediu uma vodca e alguns peixes em conserva. O bar estava lotado, o ar fedia a tabaco e, a menos que fosse a presença do aeróstata e sua daemon o motivo de tamanha euforia, uma discussão estava acontecendo. Vozes se exaltavam no canto do recinto, alguém batia o punho sobre a mesa, e o barman observava tudo atentamente, concentrando-se em seu trabalho apenas o suficiente para encher o copo de Lee sem que precisasse ser chamado.

O texano sabia que se intrometer logo de cara nos problemas dos outros era um jeito garantido de trazer problemas para si mesmo, por isso ele só olhou de soslaio para o lugar de onde as vozes cresciam. Mesmo assim, Lee não pôde negar sua curiosidade e, logo que começou a comer o peixe, perguntou ao barman.

— O que é que discutem tanto?

— É aquele ruivo desgraçado, o van Breda, está sem poder zarpar. Ele é holandês, tem um navio atracado no porto, mas não querem liberar sua carga do depósito. Está deixando todo mundo louco com esse queixume, e se não parar, eu mesmo vou jogá-lo na rua.

— Oh — disse Lee. — E por que não querem liberar a carga?

— E eu lá sei! Provavelmente ele não deve ter pago pelo armazenamento. Quem se importa?

— Bom, acho que ele se importa — respondeu Lee.

Ele se virou vagarosamente e repousou os cotovelos no balcão. Pôde ver que o homem ruivo aparentava ter uns cinquenta anos, era forte e corado e, quando um dos que estavam à mesa tentou tocá-lo no braço, van Breda agitou-o violentamente, derrubando um copo. Vendo o que havia feito, o holandês levou as mãos à cabeça em um gesto que parecia expressar mais desespero do que fúria. Tentou acalmar o homem cuja cerveja havia derramado, sem sucesso, pois este bateu os punhos na mesa e ficou berrando por cima da confusão.

— Que baderna! — disse uma voz ao lado de Lee — Ele vai acabar enfartando, não acha?

Lee virou-se e viu um homem magro, com uma aparência de fome e vestindo um terno preto desbotado que, percebia-se, era um tanto quanto grande para ele.

— É bem possível que sim — respondeu.

— O senhor não é daqui, é?

— Aterrissei há pouco.

— Um aeróstata! Que maravilha! Bem, a ilha vem “decolando” também. São tempos agitados estes.

— Ouvi dizer que estão explorando óleo pétreo — comentou Lee.

— Exato. A cidade está fervendo de entusiasmo. Além disso, ainda nesta semana haverá a eleição para a prefeitura. Há tempos que não se vê tantas notícias de Novy Odense.

— Uma eleição, é? E quem são os candidatos?

— Bom, o prefeito em exercício, que não tem muitas chances, e um homem muito hábil chamado Ivan Dimitrovich Poliakov, que vai acabar vencendo. Ele está no começo

de uma carreira promissora e vai colocar nossa cidadezinha no mapa! Quer usar o mandato como trampolim para um assento no Senado de Novgorod, e depois disso sabe-se lá o que vem por aí. Mas o certo é que assim vai poder levar sua campanha anti-ursos para o resto do continente. Mas e o senhor? O que lhe traz a Novy Odense?

— Estou procurando um serviço. Como bem disse, sou um aeróstata por ofício...

Ele notou que o olhar do homem repousava no seu cinto. Ao recostar-se no balcão, Lee deixara o casaco cair, revelando a pistola que mantinha junto à cintura (e que duas horas atrás fizera o papel de martelo).

— E um homem de guerra também, pelo que vejo — disse o outro.

— Oh, não. Garanto-lhe que em todas as brigas em que me envolvi, sempre tentei fugir. Isto aqui é só um adereço. E... que inferno! Eu nem tenho certeza se eu sei atirar com este, uh, como se chama? Revo...revolvador?

— Ah! O senhor é um homem de sagacidade também.

— Me diga uma coisa, — retomou Lee. — há pouco você mencionou essa “campanha anti-ursos”. Bem, no meu caminho pela cidade até aqui não pude deixar de notá-los. Isso é algo bastante incomum para mim, porque nunca havia visto criaturas como essas antes. Eles são livres para vagar por aí como bem entenderem?

O homem magro pegou seu copo vazio e de forma elaborada tentou tragar um álcool imaginário de seu interior, antes de depositá-lo novamente no bar com um suspiro.

— Oh! Deixe-me enchê-lo para você — disse Lee. — Sei que é trabalhoso ter que explicar coisas a estranhos. O que está bebendo?

O barman mostrou uma garrafa cara de conhaque, para a diversão resignada de Lee e desaprovação de Hester (manifesta por um estalido de garganta).



— Muito gentil, senhor. Muito gentil. — disse o homem magro, cuja daemon-borboleta abria suas asas resplandecentes uma ou duas vezes sobre seu ombro. — Permita-me que eu me apresente. Oskar Sigurdsson é meu nome, poeta e jornalista. E o senhor?

— Lee Scoresby, aeróstata em busca de serviço — e apertaram as mãos.

— Você falava a respeito dos ursos — retomou Lee, depois de olhar para seu próprio copo que estava quase vazio, e que deveria permanecer assim.

— Ah, sim! Verdade. Vagabundos sem valor. Os ursos, hoje em dia, infelizmente, estão muito aquém do que foram em outros tempos. Eles possuíam uma cultura incrível, sabe? Brutal, naturalmente, mas nobre na sua própria maneira. Uma cultura que exaltava o verdadeiro selvagem: incorruptível pela suavidade ou facilidade. Muitos de nossos contos épicos relatam os grandes feitos dos ursos-reis. Eu mesmo estou trabalhando já há um bom tempo em um poema na métrica antiga relatando a queda de Ragnar Lokisson, o último grande rei de Svalbard. Ficaria muito feliz em recitá-lo para o senhor...

— Nada me daria mais prazer — disse Lee apressadamente. —, já que não consigo resistir a uma boa história, mas quem sabe uma outra hora. Agora me fale sobre os ursos que vi pelas ruas.

— Um bando de vagabundos, como eu disse. Vivem de restos, como abutres; isso quando não estão bêbados. Criaturas degradantes. Eles roubam, mentem, bebem e enganam...

— Mentem?

— Oh, sim! Pode ter certeza.

— Digo, eles conseguem *falar*?

— Mas é claro! O senhor não sabia? Eles costumavam ser excelentes artífices também, muito hábeis na lida com o metal. Mas não essa geração. Tudo que conseguem fazer agora é uma soldagem porca e alguns outros trabalhos dessa natureza. As armaduras que têm hoje são grosseiras, feias...

— Armaduras?

— Não é permitido que usem dentro da cidade, é claro. Eles vão fazendo uma peça por vez, sabe, à medida que vão envelhecendo, até se tornarem adultos. É quando formam a armadura completa. Mas como disse, elas são grosseiras, pouco elaboradas, sem a finesse daqueles tempos. O fato é que hoje em dia, os ursos não passam de parasitas, a escória de uma raça moribunda, e seria melhor para todos se...

Não chegou a concluir a frase, pois neste exato momento, o barman (que chegara ao seu limite com o holandês) saiu do balcão em direção ao homem ruivo com um bastão em mãos. Advertido pelos rostos ao seu redor, o capitão van Breda levantou-se e se virou sem muita firmeza, com o rosto de um vermelho intenso, os olhos brilhando e com os punhos em riste. O barman ergueu o bastão e estava prestes a acertá-lo, quando Lee interveio.

Ele saltou no meio dos dois homens, segurou os punhos do Capitão e disse ao barman:

— Por favor, senhor. Não há necessidade de bater em um homem bêbado. Por certo há maneira melhor de lidar com esse tipo de coisa. Vamos, capitão! O ar fresco lá fora fará bem à sua fisionomia.

— Mas que diabos você tem a ver com isso? — berrou o barman.

— Digamos que eu seja o anjo da guarda do capitão, hã?! Quer agora, por favor, abaixar esse bastão?

— Eu vou acertá-lo na sua cabeça, isso sim!

Lee largou os punhos do holandês e virou-se para encarar o barman.

— Tente para ver o que lhe acontece — respondeu.

Fez-se um silêncio no bar. Ninguém se movia. Até mesmo o Capitão só piscava e olhava aturdido para a tensa discussão à sua frente. Lee estava pronto para lutar, e o barman podia ver isto. Depois de um momento, o homem abaixou o bastão e resmungou carrancudo.

— Saíam os dois.

— Era exatamente o que o capitão e eu tínhamos em mente — devolveu Lee. — Agora, se nos der licença...

Pegou então o braço de van Breda e guiou-o pelo salão lotado até a saída. Quando a porta atrás deles se fechou, Lee ainda ouviu o barman gritar “E não voltem mais aqui!”.

O capitão meneou o corpo e apoiou-se na parede, depois ficou piscando novamente, tentando encontrar o foco em seus olhos.

— Quem é você? — perguntou ele. — Não! Não me importa. Vá pros infernos!

Ele seguiu aos tropeços pela rua. Lee o observou ir e coçou a cabeça.

— Estamos aqui há menos de duas horas e você já conseguiu que fôssemos expulsos de um bar.

— É. Mais um dia de sucesso. Mas poxa, Hester! Não se bate em um homem bêbado com um bastão.

— Lee, ache-nos um lugar para dormir. Fique quieto. Não puxe conversa com ninguém. Coloque pensamentos lúcidos nessa sua cabeça e, por favor, mantenha-se longe de problemas.

— É uma boa ideia — respondeu Lee.



Depois de pedir instruções a algumas pessoas, Lee chegou a uma pensão de aparência pouco convidativa perto do porto. Ele pagou a senhoria por uma semana de hospedagem completa e acomodou sua bagagem na cama antes de sair para procurar alguma forma de ganhar dinheiro.

Um vento forte vinha do mar enquanto Lee caminhava em direção ao porto, obrigando-o a puxar o casaco em volta de si e acomodar melhor o chapéu na cabeça. Encontrou uma fileira de lojas que ficavam de frente para a água — uma casa de artigos náuticos, um empório de roupas, e outros armazéns —, alguns bares nauseabundos e a extensa sede da Autoridade Provincial de Aduana e Receita, construída em pedra e de onde pendia do alpendre uma bandeira nas cores branca e azul-marinho. À frente da via, um cais se prolongava de cada extremidade da orla, formando o porto que se estendia por uns cento e quarenta metros ou mais. Lá no final, sobre um promontório que se curvava à direita, repousava o farol.

OS ELEMENTOS DA NAVEGAÇÃO AÉREA

essencial ter o maior cuidado em relação ao controle do lastro. O equilíbrio entre a flutuabilidade e o peso de um balão é algo muito delicado. Muitos aeróstatas, alarmados com a aparente relutância de sua nave alçar voo, desprezam os pesos de chumbo rápido demais e, como consequência disso, têm de liberar gás para que não subam além do que desejam. É um erro grave deixar pouco lastro reserva. Uma impulsão de algumas libras já é suficiente para manter o balão no alto. Paciência e cautela são as palavras de ordem, pois a navegação aérea não é algo para os imprudentes e desleixados.

Notas do Capítulo Seis

1. Na realidade, isto é impossível.
2. Ver *O Encanto das Alturas* do Tel Cel W. G. Hebblewhite, CV, CMG, FRAS.
3. Eles são feitos normalmente com ossos de baleia.
4. A capacidade cúbica de uma gôndola é mais comumente verificada pela *Regra de Stirling*, contudo a seguinte fórmula também pode ser adotada para uso geral: meça o comprimento e a largura da parte externa e a profundidade da interna. Multiplique-os e depois por 0,6. O produto mostrará a capacidade do recipiente em pés cúbicos.
5. Só um idiota imaginaria algo do tipo.

Capítulo VII

Procedimento para Aterrissagem de um Balão



Figura 9.

$\uparrow$ = força $\uparrow$ = velocidade $\uparrow$ = aceleração

Mg é o **peso** combinado do balão, seus ocupantes e o lastro, e precisa ser monitorado cuidadosamente.

R é a **resistência**, ou **flutuabilidade**, que é influenciada por diversos fatores, como a altura do balão, sua velocidade, a pressão do ar, o vento etc.

O tamanho da resistência pode ser proporcional ao *Volume* do balão ou sua *Velocidade*.

Se $R > Mg$ (resistência maior que o peso), então o balão irá acelerar para cima. Se $R < Mg$, o balão perderá velocidade e, ao alcançar seu ponto mais alto, começará a descer. Se for liberada uma quantidade muito grande de gás, a descida acontecerá de forma muito rápida, resultando em uma aterrissagem com impacto. Caso isso ocorra, pode ser necessário desprezar alguns lastros para amenizar a descida.

Uma vez no alto, com gás e lastro reservas, o aeróstata não tem muito o que temer. É quando ele se aproxima do solo, e vendo-se voltar àquela forma humilde sujeita ao peso da gravidade, que o piloto de uma embarcação aérea encontra o primeiro risco real de seu voo. Mas tomando as preocupações mais básicas, ele poderá contornar com facilidade e segurança os perigos da aterrissagem e emergir de sua nave com a indiferença própria de um príncipe dos ares.

A primeira e mais essencial questão para se ter em mente é

Lee olhou para os barcos ancorados na encosta, analisando o ambiente. Para uma cidade contagiada pela febre do óleo, o lugar parecia muito calmo. Havia um navio-tanque de carvão fundeado à sua direita que, pela forma como se dispunha sobre a água, não tinha sido descarregado ainda. A única grua daquele lado era uma enorme estrutura a vapor e que, no momento, estava sendo usada para assentar o novo mastro de um navio mercante. A diligência parecia contar com mais homens do que o necessário, além de cada um deles se esforçar vividamente para mostrar seu ponto de vista sobre como a coisa deveria ser feita. Aquilo certamente se estenderia até o fim do dia. O carvão teria que esperar.

No outro cais, à esquerda, havia dois guindastes ambólicos menores. O primeiro estava ocupado carregando uma barca a vapor com barris de óleo de peixe, enquanto que o segundo descarregava uma pilha de madeira do convés de outra embarcação. Para mais além, encontrava-se uma escuna, sem nenhuma atividade à vista, levando Lee a crer que fosse o barco do infeliz capitão van Breda, cuja carga não podia ser estivada. Não se via ninguém em seu convés. O navio tinha um ar de abandono.

Ao longo de cada cais se estendia uma fileira de armazéns de pedra, e na extremidade do cais esquerdo havia um conjunto de escritórios, incluindo o do Capitão do Porto. Era possível ver do lado de fora uma lancha presa aos degraus da entrada e, mais a frente, um reboque a vapor. E já que nenhum deles estava sendo usado, Lee presumiu que os negócios andavam meio parados.



Depois de ler a placa de latão afixada ao lado da porta, Lee tocou a campainha do escritório do Capitão do Porto e entrou.

— Um bom dia, sr. Aagaard! — disse Lee. — Venho na esperança de poder encontrar por aqui algum trabalho. Scoresby é meu nome, e disponho de um balão de carga no depósito da Barents Sea Company. Acha que há alguma demanda disponível para os serviços de um aeróstata?

O capitão era um homem já de idade, com uma expressão amarga e um tanto cautelosa. Sua daemon-gata abriu e fechou os olhos brevemente com ar de desdém.

— As coisas andam devagar por aqui, sr. Scoresby — disse o velho. — Temos quatro navios atracados no porto e, quando eles partirem, não acredito que teremos movimento por mais uma semana. São tempos ruins esses.

— Quatro navios? Perdão, senhor, meus olhos devem estar enganados, mas eu contei cinco deles.

— Quatro.

— Então minha visão precisa de alguns ajustes, pois vi uma alucinação com três mastros no fim do cais leste.

— Não há serviços operando neste cais nem no cais a oeste. Agora tenha um bom dia, sr. Scoresby!

— Bem... bom dia ao senhor também.

Lee e Hester saíram. Ele esfregou o queixo olhando para a esquerda ao longo do cais, até a escuna que continuava ali parada.

— Eu não gosto de ver um barco assim tão quieto — admitiu Lee. — Parece um navio fantasma. Tem de haver alguma coisa que a tripulação esteja fazendo... Bom, vamos ver quanto que se pode ganhar por aqui em troca de uns metros de fio de cânhamo.

Ele seguiu em direção à casa de artigos náuticos, onde o cheiro forte do óleo de peixe e das peles no curtume cediam lugar ao odor das cordas alcatroadas. O homem atrás do balcão lia um jornal e mal olhou para cima quando Lee entrou.

— Bom dia! — disse Lee, mas não houve resposta.

Ele perambulou pela loja olhando para tudo, e como de costume viu muitos equipamentos que desejava ter e poucos que poderia de fato pagar. Coçou a cabeça ao ver os preços, até se lembrar que durante metade do ano aquele lugar ficava coberto de gelo, por isso tudo na ilha devia ser importado.

— Como anda a eleição? — Lee perguntou ao vendedor, apontando para a manchete que estampava o jornal. — Será que o sr. Poliakov irá vencer?

— O senhor deseja comprar alguma coisa?

— Talvez, mas ainda não vi nada que posso pagar com os preços que está cobrando.

— Aqui não é uma banca de jornais.

— Então tenha um bom dia, senhor — Lee devolveu com mofa e saiu.

O aeróstata dirigiu-se de volta à cidade. O céu azul da manhã já havia se recolhido e um vento cortante carregava consigo nuvens cinzentas vindas do Norte. Havia apenas três pessoas à vista na rua: duas mulheres carregando cestos de compras e um velho com uma vara. Um grupo de ursos interrompeu sua conversa rosnada e encarou Lee enquanto ele passava, retomando o diálogo em seguida. Suas vozes eram tão graves que o texano podia senti-las através do solado de seus sapatos.

— Este é o lugar mais desolado, fedido e desagradável que já pisamos, Hester!

— Eu tenho que concordar com você.

— Alguma coisa vai acabar aparecendo...

Mas, naquela tarde, nada apareceu.



A refeição da noite foi servida no salão da pensão: um lugar triste com uma mesinha de jantar, um fogão de ferro, uma prateleira de livros religiosos e uma coleção de jogos de tabuleiro velhos e empoeirados (como *Perigo no Polo*, *Flippety-Flop* e *Os Animais Desajustados*). A refeição se resumia a um guisado de carneiro e uma torta de maçã. A torta ao menos estava tolerável. Os companheiros de estalagem eram um fotógrafo vindo de Oslo, um funcionário do Instituto de Economia de Novgorod, e uma jovem chamada Victoria Lund, que trabalhava na Biblioteca Pública. A moça era bonita como uma pintura — uma pintura que reproduzia um ser elevado, de retidão e severidade inflexíveis. Era alta e de uma magreza óssea, seu cabelo claro estava puxado para trás formando um coque. Usava uma blusa branca de mangas compridas e abotoada até o pescoço. Foi a primeira mulher com quem Lee conversou em um mês.

— Então é bibliotecária, srta. Lund? Que tipo de livro o pessoal de Novy Odense anda lendo?

— Muitos tipos.

— Bom, talvez eu possa conferir por mim mesmo amanhã, ver se consigo algumas informações. Há um livro chamado *Os Elementos da Navegação Aérea* que gostaria muito de terminar. Onde fica sua biblioteca, srta. Lund?

— Na Aland Square.

— Certo. Aland Square. Trabalha lá há muito tempo?

— Não.

— Entendo. Então a senhorita é...ah...recém formada, acredito eu?

— Sim.

— E... a senhorita cresceu na ilha?

— Não.

— Então presumo que nós dois somos forasteiros aqui, hein?

A pergunta ficou sem uma resposta, mas o daemon-andorinha da moça olhou para Hester do encosto da cadeira, abriu suas asas e fechou-as em seguida; movimento seguido por seus olhinhos.

Lee insistiu:

— Gostaria de mais uma fatia de torta, srta. Lund?

— Obrigada.

— Sabe, eu estava pensando em dar uma volta pela orla depois do jantar, ver o que os cidadãos empreendedores de Novy Odense têm a oferecer em termos de entretenimento noturno. Imagino se a senhorita não gostaria de me acompanhar?

— Não. Não gostaria.

A srta. Lund se retirou assim que terminou sua refeição, e logo que ficou fora de vista, os outros dois homens desataram a rir e bateram no ombro de Lee.

— Treze! — declarou o fotógrafo.

— Eu contei doze — disse o economista —, mas de qualquer forma você ganhou.

— Doze o quê? — perguntou Lee.

— Palavras que você conseguiu arrancar dela — respondeu o fotógrafo. — O Mikhail aqui duvidou que chegaria a dez, já eu apostei em mais.

— Cuidado com essa gente, Lee — murmurou Hester.

— Então quer dizer que os senhores são atletas da persuasão? — disse Lee, não tomando conhecimento da sua daemon — Bom, é a melhor coisa que encontrei hoje. O que me dizem de um joguinho de cartas, já que este delicioso jantar agora não passa de uma lembrança desbotada, uma vez que nossa companheira se retirou, hein? A não ser que queiram arriscar a sorte no *Flippety-Flop*?

— Nada que eu deseje mais no momento — disse o fotógrafo. —, mas, infelizmente, tenho um compromisso agendado de fotografar o diretor local e sua família. Não posso me dar ao luxo de perder essa oportunidade.

— Quanto a mim, tenho uma reunião na prefeitura — disse o outro homem. — A eleição está ficando quente, e eu preciso saber que rumo ela vai tomar.

— Bom, esta é uma cidade empolgante, não há dúvidas — afirmou Lee. — Mal consigo conter minha excitação.

— Por que não vai comigo até a prefeitura e acompanha a sessão? — perguntou o economista.

— Acho que vou aceitar o convite — respondeu Lee, e a daemon-tordo do homem abanou sua cauda.



A reunião na prefeitura era realmente o acontecimento da noite. Homens e mulheres subiam pela rua lamacenta em direção ao Paço Municipal. O prédio era iluminado por lâmpadas a gás, o que trouxe certa satisfação a Lee: se houvesse uma fonte de gás na ilha, ele seria capaz de encher seu balão sem muita dificuldade — isso se pudesse pagar pelo gás, é claro. As pessoas estavam vestidas de forma bastante respeitável — assim como Lee, com sua única gravata — e conversavam com certa animação.

— Então é assim que costumam fazer política em Novy Odense? — perguntou Lee ao economista.

— Há muitas coisas em jogo nesta eleição, sr. Scoresby — respondeu o homem, cujo nome, Lee aprendera, era Mikhail Ivanovich Vassiliev. — Na verdade, esta é a razão de eu estar aqui. Minha instituição tem muito interesse neste homem, o Poliakov. Ele costumava ser senador, mas... digamos que não goste muito que lhe lembrem disso. Depois de se envolver em um escândalo financeiro, teve que renunciar, e agora está usando essa eleição para se reerguer.

— Oh, é mesmo? — disse Lee, observando a multidão nos degraus e notando a presença de comissários uniformizados. — Vejo que há bastante pessoal da Aduana por aqui. Será que estão esperando por alguma confusão?

— Pessoal da Aduana?

— Os valentões de uniforme marrom.

— Ah, eles não são da Aduana. Aqueles são seguranças da Larsen Manganese.

— Esse nome anda me perseguindo. Quem são eles, afinal?

— É uma gigante da mineração, e se o Poliakov vencer, ela vai prosperar ainda mais. Os rumores são de que querem confrontar a Aduana. Há relatos por todo o Norte disso: de empresas privadas invadindo o espaço público. Eles chamam de segurança, mas na verdade é pura intimidação. Ouvi dizer, por exemplo, que possuem uma espécie de super arma, mas a mantêm em segredo, e que adorariam incitar um motim para poder usá-la — Ah... aquele homem ali está te chamando.

Eles estavam no topo da escadaria que levava à entrada principal, e não podiam se mexer muito por conta da multidão. Lee virou-se com esforço na direção em que Vasiliev apontava e encontrou Oskar Sigurdsson, o poeta do bar, acenando e chamando-o para si.

Lee respondeu o gesto, e Sigurdsson o chamou ainda mais freneticamente.

— É melhor ver o que ele quer — disse, e foi abrindo caminho por entre a multidão.

A daemon-borboleta de Sigurdsson voava em volta da sua cabeça, e o poeta sorria com prazer.

— Sr. Scoresby! Fico tão feliz em vê-lo! Srta. Poliakova — disse à moça que o acompanhava. —, permita-me lhe apresentar o sr. Scoresby, aeróstata renomado.

— Renomado uma ova — murmurou Hester, mas a atenção de Lee estava entregue somente à jovem. Ela tinha por volta de dezoito anos e contrastava em tudo com a srta. Lund: suas bochechas eram rosadas, seus olhos eram grandes e negros, seus lábios, macios e rubros, e seu cabelo era uma massa espessa de cachos escuros. Seu daemon era um camundongo. Lee apertou sua mão com deleite.

— Encantado em conhecê-la, senhorita — e tirou seu chapéu da melhor forma que pôde em meio à multidão.

O poeta dizia algo, mas não foi ouvido pelo texano.

— Peço desculpas, sr. Sigurdsson — disse Lee. — Não pude me concentrar em suas palavras, pois estava perdido nos olhos da srta. Poliakova. Posso apostar que hordas de rapazes de todos os cantos do Norte vêm à ilha somente para lhe admirar os olhos, senhorita.

Ela deixou o olhar cair com ar de modéstia, e depois voltou-o para cima, encarando-o através das pestanas. O sr. Sigurdsson, agarrando-se na manga de Lee, dizia:

— A srta. Poliakova é filha do distinto candidato Poliakov!

— Oh, é mesmo?! E ele irá discursar hoje, senhorita?

— Oh, sim — ela respondeu. — Ele irá falar, eu acho.

— E quem são seus adversários?

— Ah, eu não sei. Acho que são dois homens, ou talvez um, não sei ao certo.

Lee olhou-a com mais atenção, enquanto tentava abafar o queixume de Hester dentro de seu casaco. Seria ela realmente tímida, ou estava apenas dissimulando? Ela sorriu novamente. Deveria estar brincando com ele, o que era bom, já que Lee estava disposto a entrar em seu jogo.

A aglomeração na entrada do prédio havia se dissipado, e as pessoas subiam os degraus guiadas pelos seguranças da Larsen Manganese. A srta. Poliakova tropeçou, e Lee ofereceu o braço em auxílio — que ela tomou prontamente. O sr. Sigurdsson vinha logo atrás, e dizia algo que Lee não conseguia ouvir, muito embora o aeróstata também não tivesse interesse algum em ouvi-lo agora, pois quanto mais se aproximava da srta.

Poliakova, mais se dava conta do delicado aroma floral de seu perfume. Ou o cheiro estaria vindo de seus cabelos? Talvez fosse mesmo a fragrância de seu doce corpo jovem. Em todo caso, o aroma o inebriava.

— O que dizia? — perguntou ao sr. Sigurdsson com relutância.

O poeta agarrou-o pelo outro braço e gesticulou como se quisesse lhe fazer uma confissão ao ouvido.

— Dizia que o senhor poderia ser muito útil ao pai de Olga — Sigurdsson murmurou quando entraram no salão principal. O lugar estava organizado com cadeiras de madeira, e no palanque a decoração foi feita com bandeirolas e cartazes onde se lia “POLIAKOV PELO PROGRESSO E JUSTIÇA”.

— Não me diga! — respondeu Lee.

— Vou apresentá-lo ao senhor depois da reunião.

— Bom... muito obrigado.

A posição de Lee quanto aos pais de donzelas era de manter-se o mais distante possível deles. Os pais, normalmente, não gostariam que suas filhas fizessem o que Lee tinha em mente. Mas antes que pudesse encontrar uma desculpa para sumir dali, ele se viu na primeira fileira, onde todos os assentos estavam reservados.

— Eu não posso me sentar aqui — protestou. — Esses lugares são para convidados importantes...

— Mas o senhor é um convidado importante! — atalhou o poeta.

— Ah, por favor fique, sr. Scoresby! — insistiu a moça.

— Mas que grande idiota — resmungou Hester, e somente Lee a ouviu, como ela desejara.

Eles mal tinham se sentado quando um oficial robusto apareceu no palco anunciando que “O grande desejo das pessoas de ouvirem o candidato discursar fez com que o salão ultrapassasse seu limite legal de ocupação” e que, por isso, não poderiam deixar mais ninguém entrar. Lee olhou ao redor e viu pessoas de pé ao fundo e dos lados do auditório.

— Seu pai é um homem bastante popular, não há dúvidas — disse à srta. Poliakova. — Mas o que ele faria se assumisse? Qual é sua causa principal?

— Ursos — ela respondeu com um tremor delicado na voz e com a expressão de um terror contido.

— Ah, ursos, hein? Ele não gosta muito deles, não é?

— Eles me assustam.

— Bem, isso é bastante compreensível. Eles são... hum... são bem grandes, afinal. Eu nunca havia cruzado com um desses seus ursos do Ártico, mas certa vez estive na mira de um urso-cinzento em Yukon.

— Puxa! Que horrível! E ele conseguiu lhe pegar?

Mais uma vez Lee sentiu-se como se vacilasse no escuro: seria ela mesmo tão ingênua assim? Estaria fazendo de propósito?

— Oh, sim, conseguiu! Mas no final, o camarada só queria a minha grelha emprestada para cozinhar um salmão que havia pegado no rio. Eu concordei. Nós nos sentamos ao redor da fogueira e ficamos contando histórias, enquanto fumávamos charutos e bebíamos uísque. Prometemos que manteríamos contato, mas, infelizmente, acabei perdendo seu endereço.

— Oh! É uma pena! — ela disse. — Mas você sabe que...

Lee coçou a cabeça, mas não precisou pensar em mais nada a dizer, porque naquele momento três homens subiam ao palco, para o alvoroço da plateia, que se levantou para aplaudir e gritar. O texano teve que se levantar também, ou pareceria muito grosseiro. Olhou para os lados procurando o companheiro da pensão, mas em meio a todos aqueles rostos brilhantes de fervor, todos aqueles olhos ardendo de entusiasmo, não conseguiu encontrá-lo em nenhum lugar.

Quando se sentaram novamente, Sigurdsson dizia:

— Que recepção formidável! Esta promete ser uma noite incrível, não acha?

— Nunca vi nada parecido! — devolveu Lee, sentando-se para ouvir os discursos.



Lee despertou com o bramido da multidão. Urros, palmas e gritos ecoavam pelo grande salão de madeira, e o texano se ajeitou piscando e aplaudiu como os demais.

No palanque estava Poliakov, trajado em preto, com uma barba espessa e as bochechas avermelhadas; mantinha um punho sobre o púlpito e o outro firme sobre o peito. Seus olhos percorreram ao redor, e sua daemon (uma espécie de falcão que Lee não conseguiu identificar bem) sentou-se no púlpito, erguendo as asas até que estivessem completamente abertas.

— Por quanto tempo eu caí no sono? — murmurou para Hester, enfurnada em seu casaco.

— Não estive contando.

— Maldição! E sobre o que é que esse diplomata aí está falando?

— Não faço ideia.

Lee olhou de relance para Olga e viu seu rosto fixo, sereno e encantado a contemplar o pai, sem exhibir mudanças de expressão, até mesmo quando, de súbito, Poliakov



bateu o punho sobre o púlpito, assustando até sua própria daemon. Ela voou por sobre a cabeça do candidato antes de se acomodar em seu ombro. “Um bom efeito”, pensou Lee. “Quanto tempo eles devem ter ensaiado isso na frente do espelho?” murmurou Hester.

— Pois bem, meus amigos! — clamou Poliakov. — Amigos e cidadãos, amigos e seres humanos. Não é preciso que eu os alerte sobre a natureza insidiosa desta invasão. Não é preciso alertá-los porque cada gota do sangue humano de suas veias já os avisa instintivamente que não pode haver amizade entre homens e ursos. E vocês sabem exatamente sobre o que me refiro! Sabem o porquê de eu ter que falar nesses termos. Não *pode* haver amizade. Não *deve* haver amizade, e sob a minha administração,

prometo-lhes, com a mão no coração, que *não haverá* amizade com esses desumanos e detestáveis...

O resto da frase ficou perdido em meio aos gritos, clamor e assobios que se ergueram como uma grande onda, exatamente como ele desejara.

O poeta mantinha-se de pé, agitando as mãos sobre a cabeça com excitação e gritando: "Sim! Sim! Sim!"

Do outro lado de Lee, a filha do candidato aplaudia como uma criancinha: as mãos espalmadas e os dedos esticados, apontando para uma mesma direção. O discurso parecia ter terminado, já que Poliakov e seus homens deixavam o palanque, enquanto que outros passavam pelas filas de cadeiras recolhendo doações.

— Não ouse dar um níquel a este bastardo! — atalhou Hester.

— Como se eu tivesse algum — Lee sussurrou.

— Não foi magnífico?! — perguntou Sigurdsson.

— A maior amostra de excelência oratória que que já ouvi — respondeu Lee. — Não pude reter muita coisa, pois não conheço muito bem a situação local, mas o homem sabe pregar, isso é um fato.

— Venha comigo, irei apresentá-lo ao Sr. Poliakov. Ele ficará feliz em conhecê-lo...

— Oh, não, não! — Lee apressou-se em responder. — Não seria correto desperdiçar o tempo valioso dele, já que não posso lhe dar um voto.

— De modo algum! Na verdade, tenho certeza que ele ficará muito satisfeito em conhecê-lo. — disse Sigurdsson, segurando o cotovelo de Lee com força e abaixando a voz em tom de confidencialidade. — Há um trabalho que ele tem em mente e o senhor lhe seria muito útil — murmurou, enquanto Olga lhe segurou pela manga.

— Sr. Scoresby, por favor, venha conhecer o papai! — disse ela, e seus olhos eram tão largos e inocentes, seus lábios tão macios. E com aqueles olhos e lábios, aqueles cachos emoldurando o rosto em formato de coração, Lee quase perdeu o juízo e desejou beijá-la ali mesmo. De que importava se a moça tinha o cérebro de uma uva? Não era o cérebro dela que Lee desejava ter em seus braços. O corpo de Olga tinha uma espécie de inteligência própria, assim como o seu, e eles tinham muito a dizer um para o outro. Sua cabeça flutuou, estava completamente preso.

— Me leve até ele — Lee ajuntou finalmente.



Na saleta atrás do palanque, Poliakov encontrava-se de pé ao centro de um grupo de homens que seguravam copos e charutos acesos. O pequeno recinto revestido de madeira logo estava preenchido com risadaria e urros de congratulação. Assim que Poliakov avistou sua filha, afastou-se de seus companheiros para envolvê-la em um abraço.

— E então, gostou do discurso do papai, meu docinho? — perguntou.

— Foi maravilhoso, papai! Todos ficaram tocados!

Lee percorreu o espaço com o olhar. Sobre uma mesa próxima à lareira, estava o modelo de algo que parecia ser uma arma — uma espécie de canhão móvel sobre um

caminhão blindado —, e o texano estava curioso para olhar mais de perto, porém um homem que estava mais próximo notou sua intenção e cobriu rapidamente o artefato com uma lona. “Deve ser a tal arma que Vassiliev havia dito” pensou, desejando que sua curiosidade não tivesse se mostrado tão explícita, para que, assim, pudesse analisar melhor o objeto. Lee sentiu então a mão do poeta puxar-lhe a manga novamente e voltou-se para ouvir o que Sigurdsson dizia ao candidato:

— Ivan Dimitrovich — chamou em tom humilde. —, permita-me apresentá-lo o sr. Scoresby do País do Texas.

— Oh, sim, papai! — ajuntou Olga. — O sr. Scoresby estava há pouco me contando histórias sobre os terríveis ursos de seu país...

Poliakov acariciou a bochecha da filha, tirou o charuto da boca e cumprimentou Lee com um aperto de mão de quebrar ossos. O aeróstata previa algo do tipo e não deixou por menos, respondendo à altura.

— Sr. Scoresby! — exclamou Poliakov colocando sua mão pesada sobre o ombro de Lee e puxando-o de lado. — É um prazer conhecê-lo, realmente um prazer! Meu bom amigo Sigurdsson me contou tudo a seu respeito. Posso afirmar que você é um homem que consegue enxergar oportunidades. Um homem de ação, pelo que vejo. Uma pessoa perspicaz, isso eu posso sentir; e, se não estou enganado, está livre o suficiente para considerar uma proposta, estou certo?

— Em todos os detalhes, senhor — respondeu Lee. —, mas que tipo de proposta seria esta?

— Bom, você sabe que um homem como eu — o candidato explicou, abaixando a voz. — de tempos em tempos encontra-se em situações de perigo. Esta é uma cidade excitante, sr. Scoresby, mas também um ambiente volátil e imprevisível para alguém que inspira tanto o fascínio quanto, lamento dizer, o ressentimento e a aversão. Oh, sim! Há quem tema ou desaprove meus posicionamentos sobre os ursos, por exemplo. Não preciso dizer muito sobre isso — ele acrescentou tocando no nariz. —, tenho certeza que sabe ao que me refiro. Eu não vou mudar minha posição, mas há quem queira que eu mude, pela força, se preciso. Mas eu não tenho medo de medir forças. Você carrega uma arma, sr. Scoresby. Está disposto a usá-la?

— O senhor quer dizer, medir minha força com a deles? — Lee perguntou. — Fico feliz em saber que não tem medo de fazer isso, sr. Poliakov. Qual é o trabalho que o senhor tem em mente?

— Há uma situaçãozinha no porto que precisa ser resolvida breve, e eu acredito que você é o homem certo para fazer isso. Existem coisas que um grupo de oficiais pode muito bem fazer, mas há outras que precisam de um trabalho mais... especializado, menos público... você entende. Tem um homem que está tentando fugir com parte de uma... propriedade em disputa, e quero que alguém o impeça.

— E de quem é essa propriedade?

— Como disse, está em disputa, mas quanto a isso você não precisa se preocupar. Tudo o que tem que fazer é garantir que ela permaneça no armazém onde está até que os advogados tenham terminado seu trabalho.

— Entendo. E como pretende pagar?

— Ah! Você foi direto ao ponto, meu amigo. Permita-me sugerir... — Mas antes que Lee pudesse ouvir a proposta de Poliakov, Hester lhe deu um golpe convulsivo no peito e o alertou.



Lee percebeu de imediato o que ela queria dizer e olhou na direção em que sua daemon olhava: atrás de Poliakov, um homem alto e magro encontrava-se ao lado da lareira com os braços cruzados e uma perna apoiada na parede atrás de si. Fumava um cachimbo de sabugo, e sua daemon, uma cascavel, estava enrolada em seu pescoço em um nó frouxo. Sua expressão era indecifrável, mas seus olhos negros repousavam fixamente sobre Lee.

— Vejo que o senhor já tem um pistoleiro — Lee disse.

— Ah! Conhece o sr. Morton? — Poliakov disse olhando sobre o ombro.

— Conheço sua reputação.

— Então permita-me apresentá-lo. Sr. Morton, aproxime-se, por gentileza.

O homem afastou-se da parede e caminhou em direção ao candidato sem tirar o cachimbo da boca. Ele estava vestido de forma elegante: casaco preto, calças justas e botas altas. Lee podia ver o relevo do revólver em seu quadril.

— Sr. Morton, este é nosso novo associado, sr. Scoresby. Sr. Scoresby, sr. Pierre Morton.

— Bem, sr. Poliakov — Lee disse ignorando Morton. —, acho que o senhor está se precipitando um pouco. Eu mudei de ideia. O senhor não poderia pagar o suficiente para me fazer sentir satisfeito em trabalhar com um homem como este.

— Como é seu nome mesmo? — Morton perguntou a Lee. — Eu não entendi.

Sua voz era profunda e calma. A daemon-cobra levantou a cabeça em forma de flecha e olhou fixamente para Hester. Lee acariciou a cabeça de Hester com um polegar e olhou diretamente para Morton.

— Meu nome é Scoresby. Sempre foi Scoresby. Contudo, da última vez que o vi você não se chamava “Morton”, e sim “McConville”.

— Eu nunca te vi antes.

— Então saiba que minha visão é melhor do que a sua. Melhor não se esquecer disso.

A essa altura a sala inteira estava calada, e todos os rostos voltavam-se para assisti-los. A tensão entre os dois homens havia silenciado as outras conversas, e Poliakov estava hesitante. Seus olhos, brilhando, voltavam-se de um para outro, como se estivesse pensando em como reestabelecer ali o domínio que, de repente, havia lhe escapado.

Foi Olga quem falou primeiro. Ela estava comendo uma fatia de bolo e parecia não haver notado nada. Deu uns tapinhas em seus lábios e perguntou tão alto como se todos ainda estivessem conversando:

— Há ursos em seu país, sr. Morton?

Morton-McConville piscou finalmente e voltou-se para encará-la. Sua daemon, contudo, manteve a cabeça fixa em Hester.

— Ursos? Por que? Acredito que sim, senhorita.

— Horrível! — disse ela com aquele seu estremecimento infantil. — Papai vai se livrar de todos eles.

Poliakov encolheu os ombros, um de cada vez, como um boxeador afrouxando os músculos, e avançou com um passo em direção a Lee.

— Acho melhor você sair, Scoresby — ele disse.
— Já vou indo, Senador. Fico feliz em ir embora.
— Não me chame por esse título!
— Oh, peço desculpas. Quando vejo um falastrão arrogante assim já presumo que seja um senador. É um erro comum de se cometer. Tenha uma boa noite, senhorita.

Olga agora havia percebido que a atmosfera ali tinha mudado, e seu lindo rosto sob a penumbra voltou-se para Lee, depois para seu pai, em seguida para Morton, retornando para Lee novamente. Ninguém tomou conhecimento de sua observação, com exceção do aeróstata, que sorriu com uma dor de arrependimento em partir e se virou. O rosto da moça, contudo, não foi o último que Lee viu na sala, tampouco o de Morton. Ao lado da multidão estava Oskar Sigurdsson, o poeta e jornalista, sua expressão era de intenso entusiasmo e expectativa.



— Então quer dizer que decidimos de que lado estamos? — perguntou Hester, de volta ao pequeno quarto da pensão.

— Que droga, Hester! — Lee disse, jogando o chapéu em um canto. — Por que será que eu não consigo manter esta maldita boca fechada?

— Você não tinha escolha. Aquele bastardo sabia muito bem de onde a gente o conhecia.

— Você acha?

— Não tenho dúvidas.

Lee descalçou as botas e tirou o revólver do coldre. Puxou o tambor, achando-o muito rígido de se mover, e sacudiu a cabeça com irritação: precisava de óleo. Desde que chegou, Lee não teve a oportunidade de usá-lo (a não ser como martelo), e a coisa tinha emperrado. A ironia era estar em uma ilha que cheirava a todo tipo possível de óleo, mas não ter uma só gota para lubrificar seu revólver. Ele colocou a arma ao lado da cama e deitou-se para dormir, com Hester agachada impaciente em seu travesseiro.

Pierre McConville era um assassino de aluguel com pelo menos vinte homicídios em sua lista. O aeróstata tinha topado com ele no País da Dakota no verão anterior ao jogo de pôquer em que ganhou seu balão. Lee trabalhava para um fazendeiro chamado Lloyd quando uma disputa de terra evoluiu para um conflito maior, levando à morte de meia dúzia de homens antes que a contenda terminasse.

O adversário do sr. Lloyd havia contratado McConville para acabar com seus homens, um por um, e ele já havia matado três antes que os gendarmes de Rapid City o pegassem. Pierre teve o cuidado de atirar em dois funcionários do rancho à uma distância notável, mas errou na sua terceira vítima: ao provocar uma briga com o jovem Jimmy Partlett, sobrinho de Lloyd, por causa de jogos e bebida, McConville o alvejou na frente de testemunhas, achando que elas deporiam a seu favor, dizendo que Partlett havia começado a briga. E assim o fizeram, mas, em seguida, uma das testemunhas mudou seu depoimento e revelou a verdade.

McConville deixou-se prender com o ar de quem cumpria apenas uma mera formalidade burocrática. Foi julgado por assassinato diante de um júri corrupto e acuado, e acabou sendo absolvido. Não demorou muito para que ele fosse atrás de seu delator e o matasse na rua sem a menor pretensão de esconder seus atos, enquanto que os gendarmes viajavam de volta para Rapid City. Mas este foi outro erro: com muita relutância os gendarmes voltaram à cidade e, depois de uma breve troca de tiros, o prenderam novamente. Eles pretendiam levá-lo para a capital da província desta vez, mas nunca chegaram lá. Na verdade, eles nunca mais foram vistos. Supõe-se que, de alguma forma, McConville tenha matado os oficiais nessa viagem, e que o sr. Lloyd, cansado de toda a confusão, tenha resolvido vender o rancho a um preço baixo para o vizinho que o disputava, se mudando para Chicagoa.

Lee compareceu no júri como testemunha, pois estava presente quando um dos funcionários do rancho foi morto, e também foi chamado para depor sobre o temperamento do jovem Jimmy Partlett. O rosto esquelético e de traços pobres de McConville, com aquele par de olhos negros profundos, era inconfundível, e a forma como ele encarava as testemunhas de acusação — com um olhar calculista, frio, lento, brutal, sem resquício algum de humanidade — era inesquecível.

E agora ele estava em Novy Odense protegendo um político, e Lee tinha sido idiota o suficiente para provocá-lo.



No meio da noite, Lee levantou-se para ir no banheiro e, enquanto tentava sentir o caminho pelo corredor escuro, Hester sussurrou:

— Lee, escute...

Ele parou. Por trás da porta à sua esquerda vinha o som de soluços contínuos e abafados.

— É a srta. Lund? — ele sussurrou.

— É ela — Hester respondeu.

Lee não gostava de ver os outros aflitos e não fazer nada, mas achou que a angustiar ainda mais se a moça descobrisse que seu pranto foi ouvido. Seguiu pelo corredor e depois voltou na ponta dos pés, torcendo para que o chão de madeira não rangesse e o denunciasse. Porém, quando ele chegou em seu quarto, sentiu o barulho de uma maçaneta girando atrás de si e um fecho de luz de velas iluminando o corredor quando a porta da srta. Lund se abriu.

Lee se virou e a viu vestindo uma camisola, com o cabelo preso, os olhos vermelhos e as bochechas molhadas. Sua expressão era insondável.

— Me desculpe se a acordei, srta. Lund — Lee disse calmamente, evitando olhá-la no rosto, a fim de não a deixar constrangida.

— Sr. Scoresby... sr. Scoresby eu esperava que fosse o senhor. Me desculpe, mas... será que poderia lhe pedir um conselho? — ela disse, e então continuou desajeitadamente — Não há mais ninguém em quem eu possa... Eu acredito que o senhor seja um cavalheiro”.

Sua voz era baixa — Lee havia se esquecido disso —, firme e doce.

— Mas por quê? Oh, claro que pode.

Ela mordeu o lábio e olhou para ambos os lados do corredor.

— Não aqui. Será que o senhor poderia...?

— ela disse, abrindo a porta do quarto um pouco mais para que Lee entrasse.

Ambos falavam calmamente. Lee pegou Hester no colo e entrou no quarto estreito. Era tão frio quanto o dele, mas cheirava a lavanda em vez de folhas de tabaco, além das roupas da moça estarem cuidadosamente dobradas e penduradas, e não espalhadas pelo chão.

— Como posso ajudá-la, senhorita?

A srta. Lund colocou a vela sobre a lareira vazia e fechou o diário junto ao tinteiro que estava na mesinha redonda coberta com um pano de renda. Ela então puxou uma cadeira para que Lee se sentasse. E assim ele o fez, ainda sem querer olhá-la diretamente, achando que a deixaria desconfortável por ver suas lágrimas. Mas então o aeróstata percebeu que, se ela já fora corajosa o suficiente para iniciar um encontro estranho como esse, talvez não devesse julgá-la tão apressadamente. Lee levantou o rosto para olhá-la bem: era alta, magra, calma, e a luz fraca da vela estava brilhando em suas bochechas.

Lee aguardou pela pergunta dela. A srta. Lund parecia estar buscando as palavras adequadas. Suas mãos estavam cruzadas sobre a boca, e ela olhava para o chão. Depois de um tempo, falou finalmente:

— Tem uma coisa que me pediram para fazer e, antes de aceitar, eu gostaria de saber se isso seria algo ruim. Não ruim para mim, digo, mas para... para a pessoa que está me pedindo. Eu não tenho muita experiência nesses assuntos, sr. Scoresby. Acredito que poucas pessoas de fato a tenham antes de acontecer. E eu estou sozinha aqui, não há ninguém a quem pedir conselhos. Não estou conseguindo ser clara... me desculpe por incomodá-lo.

— Não precisa se desculpar, senhorita. Bom, eu não sei se consigo dar conselhos que sejam bons para você, mas posso tentar. Pelo que vejo, a pessoa que lhe pediu para fazer essa tal coisa esperava que você a fizesse, do contrário, não teria pedido. E... e me parece que a melhor pessoa para julgar o que seria ou não bom para ela é ela mesma. Eu não acho que a senhorita deva se preocupar em dar uma resposta particular, quando essa resposta pode lhe ser conveniente. Não é uma atitude desonrosa considerar seus próprios interesses, sabe. Na verdade, seria muito mais desonroso fazer algo achando ser o melhor para alguém, sendo ruim para você. Tudo isso é sobre honra, não é?

— É, sim.

— É uma coisa difícil de entender.

— Por isso que pedi seu conselho.

— Bom, srta. Lund, se essa tal coisa é algo que você gostaria de fazer...

— Quero muito.

— E não irá prejudicar ninguém...

— Acho que talvez... a pessoa que me pediu.

— Você deveria deixar que ela julgue isso.



— Sim, entendo. É verdade.

— Então acho que é algo honroso o suficiente para se fazer.

Ela ficou calada, uma moça alta, magra e desajeitada em sua camisola branca e os pés descalços. O rosto parecia tão desprotegido, quase numa nudez. Inteligência e honestidade, timidez, coragem e esperança se misturavam numa expressão que tocava o coração de Lee tão profundamente que ele quase se apaixonou por ela ali mesmo. Viu suas mãos suaves segurando o daemon-andorinha contra o peito, sua ternura eclipsando a inépcia de um corpo jovem. Então imaginou quão orgulhoso seria o homem que conquistasse sua aprovação; pensou que, se alguma vez ele tivesse o privilégio de segurar esse tesouro de mulher em seus braços, nunca mais voltaria a olhar para uma bonequinha de cera como Olga Poliakova.

Ela, de repente, estendeu a mão para despedir-se de Lee. Ele se levantou e a segurou.

— Fico muito agradecida — ela disse.

— Fico feliz em tê-la ajudado, senhorita, e lhe desejo o melhor. Espero de verdade que isso não a deixe preocupada novamente.

Instantes depois, Lee estava em sua própria cama, com Hester ao lado dele sobre o travesseiro.

— Bem, Hester — ele disse. —, o que foi isso tudo afinal?

— Você ainda não entendeu? É óbvio que pediram a mão dela em casamento, seu tonto.

— Sério?! Não brinca! E o que eu aconselhei ela a fazer?

— A aceitar, é claro!

— Puxa! Espero que tenha sido a coisa certa.



Na manhã seguinte, Lee desceu para o café (um queijo gorduroso com peixe em conserva), onde os outros dois hóspedes tentavam lançar seu charme sobre a jovem bibliotecária, que respondeu com aquele desdém silencioso próprio. Nem ela, nem Lee fizeram qualquer referência à noite anterior.

— Um bloco de gelo essa nossa srta. Lund — disse o fotógrafo quando ela partiu. — Exige um nível de conversação muito refinado.

— Ela tem um namorado na Aduana — respondeu Vassiliev. — Vi os dois juntos ontem à noite, depois do comício. Aliás, o que aconteceu com você, sr. Scoresby? Por acaso foi sugado pelo turbilhão da política?

— Acho que sim, pelo menos por um minuto — Lee disse. — Mas logo resgatei a lucidez. Aquele Poliakov é um sujeito detestável. Acha mesmo que ele irá vencer essa eleição?

— Ah, sim. O único adversário dele é o atual prefeito, que é um covarde preguiçoso. Poliakov vai vencer, com certeza, ficando no lugar ideal para voltar ao Senado de Novgorod, e depois disso ouviremos falar muito dele ainda, infelizmente.

— Sabe, acabo de me lembrar: ontem ele começou a explicar sobre uma situação no porto que precisava... não lembro das palavras exatas... que precisava ser resolvida. Será que tem alguma relação com aquele capitão holandês que não conseguiu estivar a carga? Sabe de algo?

— Bom, eu não sei exatamente o que está acontecendo lá, mas, sem dúvidas, nossos velhos amigos da Larsen Manganese têm um dedo nisso, assim como o Poliakov, não é? Na certa ele vai vencer nisso também.

— Bem, o que acha de fazer uma pequena...

Hester o mordeu com força no pulso, e Lee a olhou com reprovação.

— Nada de apostas! — disse a daemon.

— Que vergonha, Hester! Na verdade, eu estava prestes a perguntar ao sr. Vassiliev se ele gostaria de fazer uma pequena visita ao porto para saber o que está acontecendo. Apostas, Hester?! Nossa!

— Infelizmente tenho outros planos — respondeu Vassiliev. — Eu preciso inspecionar as condições de trabalho no curtume hoje, e depois providenciar os preparativos da minha partida.

— Bom, aproveite então sua inspeção, meu caro. Caso não o veja novamente antes de ir, direi à nossa querida companheira que você teve de levar o coração partido à enfermaria.

Era uma manhã de ventos fortes, com pequenos traços de chuva em meio a um sol brilhante, e as nuvens brancas marchavam sob o céu azul.

— Está um belo dia para voar — Lee comentou com Hester enquanto se dirigiam para o porto —, mas ainda prefiro ficar aqui no chão por enquanto.

— Se você não começar a controlar essa sua língua, vai acabar debaixo dele, isso sim!

Lee se sentou em um cabeço de amarração à beira da água e abaixou mais o chapéu à altura dos olhos, pois o brilho do sol refletido no mar era muito intenso. Tirou do bolso seu pequeno binóculo para olhar a paisagem. A grua a vapor no cais direito tinha terminado de assentar o novo mastro na embarcação do dia anterior, e agora era usada para descarregar o carvão do navio-tanque em vagões de carga. Quanto aos barcos à esquerda, o de barris de óleo de peixe estava sendo carregado com o que pareciam ser fardos de peles, e o outro navio, mais à frente, agora se dispunha mais acima da linha d'água, uma vez que toda sua carga de madeira já havia sido levada para os armazéns. O convés estava vazio e a tripulação se ocupava com a limpeza e pintura. A única embarcação nova à vista era uma draga trabalhando próxima ao quebra-mar, retirando baldes e mais baldes de areia e lama e despejando-os sobre uma barcaça ao lado.

Tudo continuava igual na escuna, que permanecia imóvel e silenciosa no cais. Havia um grupo de pessoas junto à esquina de um armazém, e, quando Lee estava prestes a vê-las melhor com o binóculo, uma voz áspera falou atrás dele:

— O que está olhando?

Lee abaixou o binóculo cuidadosamente e virou-se sem pressa alguma. Hester se aproximou um pouco mais dele. O homem que estava de pé era o holandês ruivo que Lee ajudara na confusão do bar no dia anterior.

— Capitão van Breda?! — Lee disse, levantando-se e inclinando o chapéu em um gesto de cumprimento.

— Sou eu. E você, quem é?

O homem não tinha memória alguma de Lee, o que não era de se espantar, dado o estado em que se encontrara no bar, a menos que ele tivesse vergonha de admitir isso.

— Scoresby é meu nome, Capitão. Estava observando aquela escuna e imaginando a pilha de taxas portuárias a pagar por conta do problema com a carga.

— Você trabalha para aquele Poliakov? — van Breda perguntou cerrando os punhos. Sob uma barba ruiva que começava a despontar, as bochechas eram de um carmesim puro, e seus olhos estavam intensamente vermelhos. Parecia que a qualquer momento ele poderia cair de um ataque súbito, Lee imaginou olhando para a daemon dele: uma cadela mestiça de pelo áspero, com um quê de lobo nela; estava com a pelugem eriçada, tremendo e emitindo um grunhido constante e baixo. Um ou dois transeuntes olharam com curiosidade e seguiram em frente.

Não muito longe, um urso saía do mar por uma escada que dava para o cais. Ele se sacudiu, fazendo jorrar água para todos os lados, e ergueu-se nas patas traseiras, olhando na direção dos dois homens.

— Poliakov? — Lee disse com cautela. — Oh, não, não! Conheci ele ontem à noite na prefeitura e deixei bem claro o que penso sobre o tipo de gente que ele contrata. De qualquer modo, eu não posso votar nessa eleição daqui, além de ter dormido no comércio. O senhor é o capitão daquela escuna?

— Sim, caramba! Já vou avisando que não gosto de espíões. O que você está procurando? Hein?

Hester havia dado um passo à frente e dito algo baixinho à daemon de van Breda, que respondeu com um rosnado. A daemon-lebre voltou-se para Lee e disse:

— Lee, pague uma bebida ao Capitão.

Ela tinha razão: o homem estava prestes a ter um ataque.

— Ah, eu não sou um espião, Capitão — Lee respondeu. — Agora, não gostaria de me acompanhar em um copo de rum quente? Tem um bar bem ali. Gostaria de ouvir sobre sua situação.

— Sim, sim. Tudo bem. Por que não? — assentiu o Capitão, tirando o quepe e coçando o cabelo ruivo com a mão trêmula. Sua raiva frágil o abandonou, e ele acompanhou Lee até o bar.



Sentaram-se em uma mesa junto à janela. Van Breda contemplava fixamente a escuna enquanto balançava seu copo de rum. Lee acendeu uma cigarrilha para competir com a fumaça intermitente do fogareiro próximo. Do lado de fora, o aeróstata notou que o urso se sentara próximo ao cabeço de amarração e ali ficou, vigilante, com as patas enormes sobre o peito.

— Eu já a perdi, praticamente — disse o capitão.

— A escuna? Então o senhor é capitão e dono do barco?

— Não por muito tempo.

— Como assim?

— Dê uma olhada nisso — disse van Breda, e tirou um envelope amassado do bolso.

Lee o apanhou e tirou a carta que havia dentro. Trazia no cabeçalho o nome da Companhia de Docas de Novy Odense e dizia:

Caro Sr. Capitão van Breda,

De acordo com a Lei da Marinha Mercante 11.303, §5, venho por meio desta informar-lhe que: a carga atualmente acomodada no Armazém Leste Nº 5, na eventualidade de não ser estivada até a maré alta da manhã de 16 de abril, será confiscada pela Autoridade Portuária e posta à venda em leilão público.

Atenciosamente,

*Johann Aagaard
Capitão do Porto*

— Dezesseis de abril — disse Lee. — Mas já é amanhã! E quando será a maré alta?

— Às 11h32 — respondeu van Breda. — É impossível. Ele sabe que é impossível. Eles me mandam estivar a carga, e eu quero fazer isso, mas se recusam a abrir o maldito armazém! Dizem que estou devendo dinheiro à Autoridade Portuária, o que é uma baita mentira! Inventaram um imposto que nunca existiu antes, especificamente para essa carga. Quando perguntei sobre esse tal imposto, eles vieram com uma maldita lei da qual eu nunca ouvi falar. Tenho certeza que Poliakov está por trás disso. Ele e a Larsen Manganese. A Autoridade Portuária vai confiscar minha carga e Poliakov vai brigar por ela no leilão a mando da Larsen. Ninguém vai ter coragem de se meter no caminho dele. Enquanto isso, eu perco o meu barco, mas quem é que se importa, não é?!

— Deixe-me ver se entendi — Lee disse após um instante. — Primeiro eles te jogam um novo tipo de imposto por armazenar a carga, depois o impedem de estivá-la, e então te ameaçam de confiscá-la caso não faça o carregamento?

— Exato. Eles querem acabar comigo.

— Mas por que? O que tem nessa carga?

— Máquinas de perfuração e amostras minerais.

— Amostras minerais... espera aí. Isso tem alguma relação com o óleo pétreo?

Van Breda afastou o olhar da escuna e olhou fixamente para Lee por um momento.

— Exato. Está vendo? No fim das contas, tudo se resume a isso: óleo e dinheiro.

— Quem expediu a carga?

— Uma empresa petrolífera de Bergen. Veja, eu tenho o Conhecimento de Embarque... — e van Breda tirou do bolso outro documento.

CONHECIMENTO DE EMBARQUE

Conhecimento de Embarque Nº **76**

EXPORTADOR Thorbjornsen & Co. DATA *12 Abril*

PORTO DE DESEMBARQUE **BERGEN**

CONSIGNATÁRIO <i>L. Larsen,</i> <i>24 Legation, Bergen</i>	Ass. do Expedito <i>[Signature]</i> Ass. do Transportador <i>Capt. H. van Breda</i> <i>'Many Aru'</i>
---	---

Número de volumes.	Tipo de mercadoria.	Peso.	Valor.
8	3 caix. madeira equip. mineração	6 tons	850 rubls
	5 caix. madeira amostras minerais		



- Você assinou o Conhecimento de Embarque antes de fazer o carregamento?
- É assim que as coisas funcionam por aqui. Assim que a carga é entregue no armazém, ela se torna responsabilidade do transportador e o Conhecimento de Embarque é assinado lá. O problema é esse, veja: eu já assumi a responsabilidade por essa carga e não consigo... não consigo nem... — e engoliu o rum convulsivamente.
- Por que não procura a Aduana? — Lee perguntou depois de um breve silêncio.
- Pelo que eu entendi, eles é quem são a força da lei por aqui.
- Eu fui. Me disseram que isso não era assunto para a Aduana, e depois me mandaram só uma carta falando que toda a papelada alfandegária estava em ordem.
- Quanto tempo leva para fazer o carregamento?
- Algumas horas. Não muito.
- E uma vez carregada, a escuna conseguiria partir imediatamente? Não teria que contratar um rebocador ou um práctico?
- Não. Eu tenho um motor auxiliar e combustível suficiente, e a praticagem não é obrigatória aqui.
- E a sua tripulação?

— Estão todos a bordo, mas não por muito tempo. Eles já sabem da enrascada em que eu me meti.

— Porque, veja... — Lee comentou, apagando a cigarrilha. — se você tivesse cobertura, poderia muito bem pegar a carga e fugir.

Van Breda o encarou, parecendo ainda não compreender. Sua expressão transitava entre a esperança e o medo.

— Aonde você quer chegar? — perguntou.

— O que quero dizer é que eu não gosto daquele Poliakov. Não gosto do modo como ele fala e, acima de tudo, não gosto dos homens que ele tem em sua companhia. Estou dizendo que se o senhor quiser estivar sua carga, Capitão, eu lhe ajudarei fazendo guarda. Tudo o que tem de fazer é abrir a porta do armazém.

Lee afastou sua cadeira e foi ao balcão pagar pelas bebidas. Um pensamento súbito lhe ocorreu, e então ele perguntou ao barman:

— Me diga, você conhece um homem chamado Oskar Sigurdsson?

— O jornalista? Sim, sim, eu o conheço. Por acaso é amigo dele?

— Não. Perguntei por curiosidade.

— Pois eu lhe digo. Aquele cara é uma víbora! Veneno puro!

— Bom, obrigado.

Lee foi se juntar ao Capitão na calçada, e estavam prestes a seguir para o escritório do Capitão do Porto quando tiveram uma surpresa. O urso que estava junto ao cabeço de amarração se levantou, virou-se para eles e disse:

— Você!

Ele estava olhando diretamente para Lee. Sua voz era profunda. O texano ficou paralisado de medo por um instante, depois se recompôs e atravessou a via até a orla. Hester mantinha-se bem próxima aos seus pés e Lee a pegou no colo.

— Quer falar comigo? — Lee perguntou.

Olhando-o assim, cara-a-cara, o urso era formidável. Era jovem (ao menos até onde Lee pôde julgar), seu corpo era enorme e seus pequenos olhos negros eram incapazes de serem lidos. A massa de pelos cor de marfim ondulava com o vento. Lee conseguia sentir o coraçãozinho de Hester batendo rápido contra seu peito.



— Você vai ajudar ele? — o urso perguntou olhando rapidamente para o Capitão, que observava tudo do outro lado da rua.

— É a minha intenção — Lee disse com cautela.

— Então vou lhe ajudar.

— Conhece o Capitão van Breda?

— O que sei é que o inimigo dele é meu inimigo.

— Bom, sr.... sr. Urso...

— Iorek Byrnison — o urso afirmou.

— Bom, sr. York Burningson, o Capitão precisa chegar até uma mercadoria que está trancada no armazém, levá-la até seu navio e fugir. O inimigo dele, que é meu inimigo e seu também, quer impedi-lo. Devo lhe alertar que temos pouco tempo para fazer isso tudo, e depois surgirão ainda mais problemas, com certeza. Paciência e cautela são minhas palavras de ordem, sr. Burningson, mas às vezes temos que assumir riscos. Está disposto a correr esses riscos?

— Sim.

— Eu ouvi dizer que o seu povo cria suas próprias armaduras — Lee comentou.
— Você tem uma?

— Um elmo. Nada mais.

O urso foi até a borda do cais, parando no topo da escada de onde saíra mais cedo, e levantou uma folha de ferro maltratada e grosseira com um formato bastante esquisito. Lee notou que uma corrente pendia de uma das extremidades e piscou os olhos de surpresa quando viu o urso lançá-la muito habilmente sobre a cabeça e prendê-la em outra extremidade por baixo do pescoço. De repente, o metal já não parecia mais desajeitado: encaixava-se perfeitamente nele. Os olhos negros de Iorek brilhavam nas profundezas de duas aberturas frontais.

Lee percebeu que estavam começando a atrair a atenção das pessoas. Algumas apontavam para onde eles estavam, janelas eram abertas e um pequeno grupo de curiosos se reunia do outro lado da rua. Quando Iorek Byrnison colocou seu elmo, Lee ouviu-o puxar o ar com força e se lembrou do que o poeta havia comentado no bar, sobre o fato de os ursos estarem proibidos de usar suas armaduras na cidade.

O Capitão foi se juntar a eles, olhando Lee com cara de dúvida.

— Nossas chances acabaram de aumentar, Capitão — Lee disse. — Este é York Burningson, e ele vai nos ajudar.

— Byrnison — corrigiu o urso.

— Byrnison, mil perdões. Bom, agora a primeira coisa que temos de fazer é passar pelo Capitão do Porto, então deixem a parte do falatório comigo. Vamos, cavalheiros! Vamos descer o cais e abrir um armazém!

Lee seguiu na frente ao longo da orla e virou o cais. A essa altura, o número de espectadores tinha aumentado para uns trinta ou mais, e outros vinham saindo das ruas laterais que levavam até o porto. As pessoas os seguiam a uma certa distância, apontando, conversando excitadas e fazendo gestos para que outras se juntassem a elas. Lee estava ciente da movimentação, mas não se deixou distrair: sua atenção estava voltada somente para o escritório do Capitão do Porto. A porta do recinto se abriu, e o sr. Aagaard apareceu no batente por um instante, olhou para fora e logo voltou ao escritório, fechando a porta.

— Está com aquela carta, Capitão? — Lee perguntou. — É melhor eu ficar com ela.

E van Breda a entregou.

— Obrigado. Agora eu vou encher ele de abobrinhas, York, então minha atenção vai estar meio que ocupada. Eu ficaria grato se você pudesse ficar de olho aqui fora caso surja algum problema.

— Eu irei.

Eles chegaram ao prédio que abrigava o escritório e a porta foi aberta novamente. O sr. Aagaard surgiu, se enrolando para colocar o último botão do uniforme, e estacou no meio do cais ao vê-los.

— Bom dia, sr. Aagaard! — Lee disse alegremente. — Espero que esta manhã agradável tenha lhe encontrado bem. Agora, queira nos dar licença para que o Capitão van Breda, meu associado e eu possamos resolver um assunto pendente.

— Vocês não têm negócio algum neste cais.

— Oh, eu não acredito que o senhor esteja em posição para dizer algo assim. Como advogado, eu tenho todo tipo de negócios neste cais. Meu cliente...

— Advogado? — interrompeu o sr. Aagaard. — Você não é advogado coisa nenhuma! Ontem mesmo me procurou aqui dizendo que era um aeróstata.

— E eu sou também. Agora, se me permite, gostaria que examinasse uma carta que meu cliente recebeu do seu escritório. Essa aqui é sua assinatura?

— Claro — afirmou depois de ler o documento. —, mas o que você...

— Bem, sr. Aagaard — Lee começou a improvisar. —, acredito que o senhor precise atualizar seu conhecimento jurídico. A referência ao quinto parágrafo da Lei da Marinha Mercante 11.303 está corretíssima, é claro, e eu o parabeno pela eloquência viril e sucinta com que se expressou neste fragmento de correspondência. Todavia, devo lembrá-lo que uma legislação ulterior, o Tratado sobre o Transporte de Cargas e Mercadorias de 1911, Seção III, Parágrafo 4º, “Outras Disposições”, revoga expressamente essa sanção da Lei da Marinha Mercante, quando dá o direito ao transportador de fazer o carregamento da sua mercadoria assim que o Conhecimento de Embarque é assinado em duas vias. E tenho de enfatizar que o Tratado não pode, de modo algum, ser revogado ou obstruído por qualquer lei anterior, tampouco por interpretações locais ou jurisprudências. O senhor tem o Conhecimento de Embarque, Capitão van Breda?

— Tenho sim, sr. Scoresby.

— E ele está assinado em duas vias?

— Está, sim.

— Então, sr. Aagaard, eu o convido a nos dar licença e deixar meu cliente terminar seu serviço conforme a lei.

— Eu... Isso não está certo — disse o Capitão do Porto, e a daemon-gata roçava em sua perna pedindo para ser pega no colo. Ele curvou o corpo rígido e a trouxe para junto do peito, onde ela escondeu o rosto. Ele prosseguiu: — Não conheço nenhuma dessas outras leis, e de qualquer modo, van Breda ainda não pagou o imposto...

— Sr. Capitão, para evitar eventuais transtornos e constrangimentos, devo lembrá-lo que o imposto ao qual se refere é um imposto de *importação*, e não de *exportação*, logo não se aplica ao caso. É um erro simples de se cometer. Garanto que o meu cliente está disposto a renunciar qualquer reivindicação de indenização, desde que o senhor libere imediatamente a mercadoria do armazém. Além disso, se trata-se de uma questão sobre um imposto alfandegário e não uma tarifa, como o senhor mesmo pontuou na frente de todas essas testemunhas honestas, então sua cobrança seria feita pelo Escritório de Adu-

ana e Receita e não pela Autoridade Portuária. O escritório da Aduana está completamente satisfeito quanto à situação fiscal do Capitão van Breda e não tem nenhuma intenção em embargar o transporte da carga, não é mesmo, Capitão?

— É, sim — confirmou van Breda.

— E o senhor tem uma carta que confirma isso, exato?

— Tenho, sim.

— Então não há mais nada a ser dito. Tenha um bom dia, sr. Aagaard, não vamos incomodá-lo mais.

— Mas... — Aagaard começou descontente, e olhando para Iorek teve outro pensamento súbito. — Mas aquele urso está usando uma peça ilegal e não tem direito de permanecer no cais.

— Uma resposta razoável a uma provocação desnecessária, sr. Aagaard.

Lee deu um passo decidido, e o Capitão do Porto abriu caminho hesitante. A multidão permanecia quieta, tentando acompanhar os argumentos, e muitos pareciam confusos; mas a preocupação de Lee estava mesmo no grupo de homens que via mais à frente: conhecia muito bem aquele tipo de gente.

— Que bela enrolação, Lee — comentou Hester.

— Capitão, por acaso tem armas no seu navio? — Lee perguntou.

— Um rifle, mas eu nunca usei — van Breda respondeu.

— Munição?

— Também, mas, como disse, eu nunca atirei antes.

— Você não vai ter que atirar. Me traga o rifle, e, se for preciso usá-lo, eu o farei.

Me diga, se começar a carregar a mercadoria agora, dentro de uma hora conseguiria zarpar com uma maré assim?

— O porto é bem fundo, não seria um problema.

— Ótimo, porque acho que vou ter que ir com você. Nós dois teríamos, na verdade. Agora preste atenção: esses canalhas estão loucos para começar uma discussão. Não diga nada. Deixe isso comigo. York Byrnison, mais uma vez agradecerá se você cobrisse a retaguarda.

A multidão agora tinha diminuído, sentindo que as coisas por ali iriam mudar ao ver Lee, o Capitão e Iorek se dirigirem aos cinco homens que estavam no caminho até a escuna. Hester estava vigilante, olhando para as vielas entre os armazéns, as janelas dos prédios e para o cais oeste, de onde poderiam ser alvejados facilmente por alguém que tivesse eles na mira de um bom rifle.

Lee estava bastante alerta aos sons ao redor: o ranger do soalho desgastado sob suas botas, o grasnado incessante das aves marinhas e o retinir da grua a vapor do outro cais despejando o carvão do navio-tanque nos vagões. Cada som separado era bem nítido, e então, ao mesmo tempo, Lee e Hester ouviram algo como um clique: era o som de um revólver sendo carregado. “Veio de cima”, Lee pensou, mas Hester, com suas orelhas que podiam notar até uma formiguinha caminhando numa folha, o corrigiu:

— É o segundo homem.

Os homens estavam parados de pé a uns quinze metros à frente e formavam uma linha. Três deles carregavam coisas que pareciam bastões ou varas, e os outros dois mantinham as mãos para trás. Antes mesmo que Hester terminasse de o alertar, Lee já estava com seu revólver à mão e apontava para o segundo homem à esquerda.

— Solte essa arma agora mesmo — Lee disse. — Solte ela e deixe cair atrás de você.

O homem se deteve, surpreso. Ele provavelmente não esperava que Lee se movesse tão rápido, e pelo jeito parecia que nunca tivera uma arma apontada para si — era só um rapazinho com menos de vinte anos. Seus olhos se arregalaram, e ele engoliu em seco bastante nervoso antes de deixar a arma cair.

— Agora chute ela para cá — Lee ordenou.

O rapaz tateou com a bota e atirou a pistola sobre o piso. Van Breda abaixou-se para pegá-la, e nesse instante o outro homem com as mãos para trás fez uma burrice: girou o braço direito e disparou com a pistola de cano longo que segurava. Ele não teve tempo de fazer uma boa pontaria, e a bala voou por cima do chapéu de Lee. O grupo de curiosos que ainda permanecia no cais começou a gritar e se dispersou, mas antes do alvoroço começar, Lee apertou o gatilho e a bala acertou o quadril do atirador, fazendo-o girar. O homem parou na borda do cais e, incapaz de manter-se de pé, caiu de costas, levando a arma consigo — o choro abafado pelo esguicho da água.

— Agora ele vai se afogar, a menos que vocês o puxem de volta — Lee disse aos outros. — Vocês não querem ficar com a consciência pesada, não é? Andem logo com isso e saiam do nosso caminho.

Lee avançou. Os homens caíram de lado, carrancudos, e dois deles correram junto à borda para puxar o que estava na água, que agora se debatia e gritava de dor e medo.

— Deixe-me dar uma olhada nessa pistola, Capitão — Lee pediu, e van Breda o entregou a arma. Era de um tipo vagabundo e frágil, o tambor havia amassado quando o rapaz a deixou cair. Qualquer um que resolvesse usá-la corria o risco de perder uma mão. Lee a jogou na água com tristeza, pois lembrou-se que, quando apertara o gatilho do seu próprio revólver, sentiu que ele havia travado de vez. Aquele tinha sido seu último tiro.

— Acho que vou precisar do seu rifle muito em breve, Capitão — disse ele.

Lee colocou seu revólver no coldre novamente e olhou em volta. A multidão tinha se reunido novamente, e o número de curiosos era ainda maior. Os sons também haviam mudado: a grua a vapor estava quieta, o operador e a tripulação do navio-tanque olhavam parados na direção de onde vieram os tiros. Sem o barulho dos vagões sendo carregados, Lee podia ouvir o chape-chape constante da draga trabalhando perto da entrada do porto e o burburinho animado da multidão atrás dele.

O trio seguiu em frente. Já não estavam longe da escuna agora, e Lee podia ver os olhos arregalados da tripulação reunida na popa, acompanhando o pequeno grupo seguir ao encontro deles. Então alguém apontou em direção à cidade, e os outros taparam o sol com as mãos procurando ver melhor. Hester alertou Lee:

— É melhor você ver o que vem vindo aí.

A essa altura eles já estavam junto à popa da escuna, fundeada de frente para o último armazém. Entre os prédios, abriam-se pequenas vielas. Os olhos de Lee percorreram o beco entre o último armazém e o anterior, as fileiras de janelas na fachada, a grua além do cais e o navio-tanque, verificando tudo, antes de olhar para trás, para onde Hester indicava. O urso fazia o mesmo.

— Que diabos é aquilo? — perguntou o Capitão roucamente.

Uma grande máquina, alimentada por algum tipo de motor a gás, se deslocava pela orla e estava fazendo a curva em direção ao cais. Naquele instante, Lee se lembrou do modelo que tinha visto na noite anterior, na saleta atrás do palanque da prefeitura — então era a maquete de uma arma a gás que o pessoal da Larsen Manganese estava exibindo; e ela era monstruosa. As rodas de aço e o rastro rangiam por sobre as lajotas, e a

multidão recuou contra a parede do escritório do Capitão do Porto, dando passagem à máquina.

— Uma arma? — perguntou Iorek.

— Pois é — Lee respondeu.

— Eu resolvo — e Iorek se virou, correndo silenciosamente para um beco.

— Capitão, o rifle por favor — Lee pediu. — Agora!

— Oh, sim, sim. Ei, sr. Mate! — van Breda berrou, e uma voz vinda da escuna respondeu: “Sim, Capitão!”

— Johnsen, por favor, me traga o meu rifle e a caixa de munição que está no lazareto. Seja rápido!

A máquina parou no cais, e a multidão se afastava para abrir caminho. Um homem de uniforme bordô ao lado do veículo gritou algo incompreensível através de um megafone, e Lee abriu os braços em um gesto de dúvida. O homem gritou novamente, e, outra vez, era impossível compreendê-lo. Lee balançou a cabeça.



Atrás do texano, alguém descia apressado a rampa de desembarque da escuna, correndo em direção ao Capitão. Um momento depois, Lee segurava o rifle que van Breda o entregara.

— Oh, obrigado, Capitão. Mas veja só se não é uma Winchester! Que tal, hein?!

— Entende de rifles?

— Este é o melhor que existe, e está em ótimo estado também.

Lee colocou rápido a munição no carregador e, desfrutando do manuseio de uma maquinaria assim tão estável e lubrificada, praguejou sobre sua displicência com o revólver. Se sentia muito bem com o rifle em mãos.

— Capitão — ele disse. — É esse aqui o armazém?

— Isso.

— O senhor sabe exatamente onde a carga está guardada?

— Sim. Tudo que temos de fazer é abrir a porta.

Lee catou um punhado de cápsulas da caixa de munição e as colocou no bolso, depois se virou para ter uma visão do cais. A máquina voltara a se mover, e ele pôde ver agora como era tripulada: ao que parecia, um homem era o piloto, e outros dois se encarregavam de atirar e recarregar o canhão. Um cano longo que se projetava na frente do veículo balançou da esquerda para a direita e então parou, fazendo mira para a popa da escuna. Parecia que a coisa poderia muito bem derrubar um prédio ou afundar um navio. Lee pensou que, se eles resolvessem disparar, a aventura que teve até ali chegaria ao fim, assim como sua vida.

A máquina foi chegando cada vez mais perto, e Lee ergueu o rifle, apoiando-o no ombro. Ela já tinha passado o armazém do meio, e estava exatamente na frente do último beco antes do depósito com a carga do Capitão, quando o aeróstata apertou o gatilho...

De repente, um estrondo de patas se movendo, e um rugido que Lee nunca ouvira igual irromperam pelo cais: Iorek surgira do beco lançando o peso do seu corpo enorme contra o cano da máquina. Lee não conseguiu conter um grito de surpresa, e os homens do veículo berraram de espanto quando as rodas e o rastro derraparam sobre as lajotas.

O golpe de Iorek tinha virado a frente da arma, e o cano agora apontava para o porto. O motorista puxava desesperadamente o freio, mas o urso apoiara seu ombro na lateral da máquina e a içava, até que as duas rodas dianteiras rolaram e ela pendeu para frente. Os atiradores gritavam alarmados, lutando para posicionar o cano de volta no lugar. Iorek empurrou novamente, e a arma disparou: um lampejo de fogo e fumaça, seguido por um estrondo ensurdecedor, fez um projétil voar sobre a água e cair ao lado do cais onde estava o navio-tanque. No mesmo instante, uma explosão esguichou água e rocha pelo ar, espantando a tripulação do navio e o operador da grua. Contudo, poucos notaram a fuga dos homens, pois o disparo da arma havia deixado Iorek furioso, e agora suas garras estavam cravadas sob a traseira do veículo. O motor rugia e o rastro sibilava inutilmente sobre as lajotas, então o urso endireitou as costas com um grande esforço, erguendo-se sobre as patas traseiras, e arremessou a arma com a tripulação no mar, produzindo um enorme jorro de água. Um dos homens conseguiu fugir, mas os outros dois desapareceram junto com a máquina que afundava.

Urros vinham da tribulação de van Breda, e Lee soltou um grito de alegria. Iorek estava apoiado sobre as quatro patas novamente e se aproximava para juntar-se a Lee na escuna.

— Puxa! Eu detestaria ver você ficar com raiva, York Byrnison — Lee comentou.

Do outro lado da água, a tripulação do navio-tanque examinava cautelosamente os danos ao cais, e o operador da grua balançava a cabeça para o contramestre, que berava para que ele voltasse ao serviço. Entrementes, o encarregado pelos vagões de carga vinha correndo detrás de uma máquina para ver o que havia acontecido. Até a draga parou seu trabalho por um instante, mas logo retomou o seu chape-chape.

No momento, ninguém se movia na multidão reunida mais abaixo no cais. Lee olhou em volta com mais cuidado. À sua direita, via a maior parte do armazém: um prédio de três andares feito de pedras cinzas, com uma fileira de janelas nos andares superior e médio. As portas maciças eram de aço e se abriam para dentro. Projetando-se do centro da parede no último piso, logo abaixo do beiral, havia uma viga com roldanas usada para levar mercadorias direto para cima. O sol brilhava intenso agora, pois as nuvens tinham sido varridas pelo vento, reluzindo a fachada do depósito.

Atrás de Lee, o Capitão gritava ordens, e então ouviu-se um estrondo abafado vindo do convés inferior da escuna, seguido por um acesso de tosse: o pesado motor à

óleo fora acionado. Junto à proa, dois marinheiros se ocupavam em retirar a tampa do alçapão dianteiro, enquanto que outro verificava as polias no guindaste armado sobre o mastro principal. De repente, Hester disse:

— Último andar, à direita, Lee!

Ele moveu o rifle em direção ao armazém e viu o que ela avistara: um meneio rápido de algo atrás da terceira janela no final. Lee mantinha o rifle apontado para ela, mas não houve mais movimento. Iorek Byrnison estava ao seu lado e percorria com os olhos o cais até a multidão. O Capitão e seu ajudante vieram se juntar a eles.

— Então, sr. Mate, como é que você vai transportar essa carga? — Lee perguntou.

— Vagões — respondeu o ajudante. — Já tínhamos deixado tudo pronto antes deles trancarem a mercadoria. Não deve levar mais de meia hora.

— Certo. Capitão, me diga uma coisa: como é o galpão? O que vemos quando abrimos a porta?

— É um espaço aberto com colunas, não sei quantas, colunas de pedra que sustentam os pisos de cima. No andar térreo, no momento, só há uns fardos de peles e couro. Minha carga está no fundo da parede à esquerda, empilhada nos vagões.

— Esses fardos de peles, Capitão, as pilhas são muito altas? Eu conseguiria ver tudo ao redor, ou elas atrapalham a visão?

— São bem altas, eu acho.

— E escadas?

— Na parede dos fundos.

— E quanto aos andares de cima?

— Eu não sei o que...

— Lee! Último andar, à esquerda! — Hester alertou, e no mesmo instante um feixe de sol acertou o texano quando uma janela se abriu.

Ele levantou o rifle, e o movimento deve ter espantado o atirador, porque o tiro de pistola que veio de cima passou direto e acertou o convés da escuna. Lee revidou imediatamente. A janela se partiu, espalhando vidro quebrado pelos três andares até o chão, mas não havia mais nenhum sinal do homem armado. Iorek Byrnison olhou para cima por um momento, então disse:

— Eu abro a porta.

Lee esperava vê-lo arrancar a estrutura de aço e amassá-la em dois tempos, mas o que o urso fez foi bastante diferente: Iorek tocou a porta com uma garra várias vezes, em vários lugares distintos, com gestos bastante delicados. Ele parecia estar prestando atenção nos sons que ela fazia, ou sentindo a qualidade da resistência oferecida pelo metal. Lee e Hester se afastaram do armazém, parando à beira do cais, de onde poderiam ver todas as janelas do prédio.

— Lee — Hester disse baixinho. —, se for o McConville lá dentro...

— Não adianta nem dizer “se”, Hester. Eu já tinha certeza que era ele quem estaria aí desde o começo.

— Sr. Scarsby — Iorek chamou. — Acerte uma bala neste ponto aqui.

O urso desenhou um “X” com a garra em um lugar perto da dobradiça superior da porta direita. Lee olhou para cima para se certificar que o pistoleiro na janela não tinha aparecido novamente, verificou o cais, onde a multidão mantinha-se imóvel — ainda receosa de se aproximar —, e confirmou com o Capitão se seus homens estavam prontos.

— Está bem — Lee disse. — O que faremos é o seguinte: vamos abrir a porta, e eu entro primeiro. Tem um homem armado lá em cima, mais de um talvez, e eu quero ter

a certeza de que não nos causará algum aborrecimento. Sugiro, sr. Mate, que você e seus homens esperem a bordo, fora de vista, até ouvir de mim ou de York Byrnison que a barra está limpa.

— Acha que vai haver mais confusão?

— Ah, eu sempre acho que vai haver mais confusão. Está pronto, York Byrnison?

— Pronto.

— Aí vai.

Lee ergueu o rifle, fez pontaria para o “X” na porta e atirou. Um buraquinho apareceu na chapa de aço, mas pareceu não causar efeito algum. Iorek, contudo, estendeu a pata e empurrou gentilmente. De forma espantosa toda a porta caiu para dentro do armazém com um estrondo ensurdecedor. Imediatamente, Lee saltou passando por Iorek e correu para o interior do prédio, em direção à escada que ele mal via à frente.

No mesmo instante, um tiro irrompeu de algum lugar entre as pilhas de fardos fedorentos. A bala cortou o casaco de Lee no ombro, como se um fantasma o tivesse acertado, e então um grito e um estrondo ecoaram do navio no lado de fora. Lee estacou e procurou abrigo em uma pilha de peles. “Foi estupidez me precipitar assim”, pensou. Diferente do cais, banhado por um sol rutilante, o depósito estava um completo breu, e os olhos do atirador já deviam estar bem ajustados àquilo.

— Onde ele está? — era a voz do urso atrás de Lee.

— Não sei. Atirou de algum lugar mais à frente — respondeu baixinho. — Mas sei que há pelo menos mais um homem lá em cima. Se você cuidar desse aqui, eu lido com o outro.

Assim que Lee disse isso, ouviu-se um tiro vindo de cima, e mais outro, seguido de um grito de pânico na escuna. Ele e Iorek correram no mesmo instante: Lee voou em direção à escada, com Hester pulando à sua frente, e Iorek rumou para o fundo do depósito, pesado e lento nas primeiras passadas, mas assim que venceu a inércia de seu corpo enorme, se tornou irrefreável. O aeróstata estava a meio caminho da escadaria de ferro quando viu alguns fardos de peles jogados no chão, depois ouviu o barulho de mais dois ou três tiros e um grito de pavor, convertido, de repente, em um gemido horrível.

Mais tiros vinham de cima. Lee saltou para o andar superior, que estava quase vazio, sendo ocupado apenas por algumas caixas de madeira organizadas sobre paletes junto à parede traseira. Era muito mais iluminado que o térreo por causa das janelas, e não havia ninguém à vista.

Ele seguiu para o próximo patamar. Não podia correr sobre o piso de tábuas sem fazer barulho, e sabia muito bem que o homem no último andar, assim que ouvisse seus passos, teria bastante tempo para armar pontaria e alvejá-lo no topo da escada. Lee parou um pouco abaixo do nível do piso superior e ergueu seu chapéu com o cano do rifle. No mesmo instante, um disparo fez o chapéu girar — um belo tiro, instantâneo e preciso.

O disparo, porém, havia entregado a posição do pistoleiro: estava em um canto distante, à direita de quem olhava do cais. Lee parou e começou a pensar. O que não sabia ainda era se a área estava limpa, ou se



havia fardos e caixas para que o homem pudesse se esconder, tampouco se conseguiria acertá-lo de onde estava. Lee não tinha nem certeza se McConville estava sozinho, ou se algum comparsa dele poderia lhe pegar desprevenido pelas costas do outro canto próximo à escada; afinal, a janela que se abriu quando o texano estava no cais ficava à esquerda. Ele olhou para os degraus: eram feitos de ferro e ainda faltavam uns dez até o patamar na parede traseira do armazém. Sua melhor chance era subir correndo, torcendo para escapar das balas, e atirar assim que conseguisse.

— Lee! — sussurrou Hester. — Me levante.

Ele se inclinou para pegá-la. A daemon queria escutar o que vinha de cima, e quanto mais alto, melhor. Ela se sentou tensa nos braços de Lee, as longas orelhas se agitando, e então disse baixinho:

— São dois homens. Um à esquerda e o outro na direita.

— Certeza?

— Tem alguma coisa no caminho, talvez barris. Use aquela latinha de tabaco pra ver.

Lee colocou a daemon de volta no chão e procurou no bolso do colete pela lata onde mantinha suas cigarrilhas. Jogou as três últimas fora e guardou o fundo da lata, ficando apenas com a tampa. Ele tinha polido seu interior até conseguir um reflexo brilhante, quase tão bom quanto o de um espelho. O piso de cima estava a pouco mais de trinta centímetros da sua cabeça: o soalho era composto de pesadas tábuas de pinheiro, com um flange de ferro na borda, fixando algo do outro lado; ao redor da abertura para a escada se erguia um corrimão.

Movendo-se com cuidado pelos degraus e mantendo a cabeça baixa, Lee ergueu a tampa da lata bem devagar até a haste mais próxima do corrimão. Ele a inclinou para enxergar o caminho até o canto direito, de onde o tiro havia partido, mas não conseguiu ver ninguém. Isso porque uma fila de barris estava no caminho — duas fileiras, na verdade, uma empilhada sobre a outra, separadas entre si pelos paletes onde os barris descansavam. Lee sabia muito bem que o menor dos movimentos seria percebido por aqueles olhos atentos, então, às custas de muito esforço para se mover lentamente, ele girou a tampa para poder ver o outro canto do lugar. Nele havia uma espécie de máquina coberta por uma lona, e Lee podia ver um atirador claramente: estava de pé atrás dela, apontando com o rifle para um ponto pouco acima da escada. Não era McConville.

As colunas de pedra que sustentavam o telhado — dezesseis ao todo, com uns sessenta centímetros de diâmetro cada. — eram espaçadas igualmente em duas fileiras ao longo do recinto, uma próxima à parede da frente e outra na parte traseira. Lee calculou que, se conseguisse chegar à coluna mais próxima da escada, poderia se abrigar atrás dela e cuidar do pistoleiro na máquina, mas, ainda assim, ficaria vulnerável para que McConville o acertasse nas costas. Estava em uma situação desoladora e sabia que não deveria ter se metido nela; embora, a contar pelo seu passado, aquele cenário não era tão diferente de outras enrascadas em que já se metera. “Ainda assim, estou vivo”, pensou, e Hester contraiu as orelhas em resposta. Ele deslizou com cuidado a tampa da latinha de volta ao bolso.

De repente, o estrondo alto da enorme porta de ferro sendo arrastada irrompeu do andar térreo. Aproveitando o barulho, Lee segurou o rifle com força e lançou-se para cima o mais rápido que pôde. Ele correu para o topo da escada e depois para a esquerda, buscando o abrigo da coluna mais próxima. Seus ouvidos foram assaltados por uma onda de ruídos — tiros vinham de ambos os lados, e os estampidos ressonavam sobre as paredes

de pedra nua. Lee conseguiu alcançar uma coluna, a terceira no final daquela fileira, e se escondeu atrás dela.

A máquina coberta na qual um dos pistoleiros se abrigava ficava quase no meio da parede dos fundos. O equipamento era um pouco mais baixo do que o homem, então ele precisava se agachar o tempo todo para não ser atingido — uma posição nada confortável para se ficar por muito tempo. A melhor maneira de Lee lidar com ele seria esperar até que ele se mexesse, como uma hora aconteceria, e daí acertá-lo com um tiro só. Mas isso, é claro, só funcionaria se estivesse sozinho. Atrás do texano, contudo, em um canto do armazém, McConville tinha um ótimo esconderijo e sua linha de fogo estava livre. Se ele estivesse armado só com uma pistola não seria tão ruim



assim, mas o som que ribombava pelo salão parecia vir de um rifle, e Lee sentia as balas alvejarem seu abrigo estreito. Com um rifle, McConville não deixaria escapar a primeira chance de acertá-lo.

Depois de um tempo, a saraivada de tiros parou. Lee correu novamente, passando pela segunda coluna, até chegar na primeira. Ficava, agora, mais distante de McConville (e um pouco mais seguro, pois o ângulo de tiro do pistoleiro estreitara) e mais próximo do outro homem, cujo ombro — era isso mesmo? — não estava muito bem protegido. Ele ergueu o rifle, e no mesmo instante que apertara o gatilho, McConville gritou:

— Abaixo!

A bala encontrou o homem antes do aviso, então ouviu-se um gemido, o baque de uma arma caindo, e uma respiração longa; depois refez-se o silêncio. Lee olhou para a lona e calculou: uns cinco passos largos de distância, da direita para a esquerda no campo de visão de McConville. Seria coisa de um segundo e meio. Parecia possível.

E de fato foi. McConville ainda atirou duas vezes, mas não acertou. Lee conseguiu chegar na máquina e encontrou o outro homem prostrado no chão, sua arma longe demais para ser alcançada, seus olhos muito vermelhos no rosto pálido. Uma poça de sangue se espalhava agora ao seu redor como grandes asas medonhas que começavam a se abrir, e sua daemon-gata estava agachada ao seu lado, tremendo.

— Você acabou comigo! — disse o pistoleiro em uma voz fantasmagórica.

— É, admito, você está sangrando bastante. Aquele lá é o McConville?

— Não sei de nenhum McConville. O nome dele é Morton.

— Seria um nome bem chique, não acha? Que arma ele está usando?

— Ah, vá para os diabos!

— Ora vamos, você é um bom homem. Agora segure essa língua.

Mantendo-se abaixado, Lee apalpou o peito e as laterais do homem para garantir que ele não carregava outra arma, e então, ignorando-o, voltou sua atenção para a outra extremidade do armazém. De certa forma, não importava para Lee que ficassem ali, ele e McConville, se escondendo um do outro o dia todo, contanto que o Capitão van Breda pudesse estar sua carga e fugir com ela. Mas ele sabia que, cedo ou tarde, um dos dois teria que se mexer, e o primeiro a fazê-lo provavelmente morreria.

De repente, a onda de disparos recomeçou. Tiros salpicavam a máquina que o aeróstata usava de barricada e as paredes às suas costas. Duas ou três balas acertaram as colunas e ricochetearam para os cantos. No meio do alvoroço, Lee — que estava agachado atrás da máquina — viu-se de súbito caído no chão e pasmo de choque. Teria sido atingido? Tinha se machucado? Veio então uma sensação estranhíssima, e com um arrepio horrível de náusea ele entendeu o que acontecia: viu sua Hester sendo agarrada pela mão boa do pistoleiro caído. O homem a prendia pelo pescoço, e Lee sufocava junto com ela. O pior de tudo, porém, era sua repulsa — a mão de um estranho estava agarrando sua daemon!

Foi com muito esforço que Lee arrastou seu rifle e, quando conseguiu mantê-lo firme contra a lateral do pistoleiro, atirou. Hester saltou para seus braços e ele nunca a sentira tremer tão violentamente. O homem estava morto.

— Está tudo bem agora, garota. Acabou — Lee murmurou.

— Não. Ainda tem o McConville — ela respondeu.

— E você acha que eu esqueci dele, coelha bobinha? Dá aqui um abraço.

Lee acariciou as orelhas longas da daemon com um polegar e depois a pousou no chão devagar. Com muito cuidado, ele olhou novamente para a fileira de colunas até a pilha de barris na outra extremidade. Não havia nenhum movimento. Foi então que reparou, num lampejo de esperança, que McConville não era apenas um bruto, mas também um imbecil. Um homem esperto não teria feito nada, teria parado de atirar e se mantido imóvel como uma pedra para não revelar sua posição até que Lee matasse ou fosse morto pelo outro pistoleiro. Se tivesse levado a melhor, uma hora baixaria a guarda pensando que o perigo havia passado, e McConville poderia pegá-lo quando estivesse de costas. Ao invés disso, o idiota tinha se entregando. Havia uma chance!

As colunas... era isso. Duas fileiras de oito, igualmente espaçadas entre si ao longo do pavimento, na frente e atrás. Quando Lee estava à esquerda das colunas da frente, junto à janela, podia ver quase todo o espaço, desde o centro até a pilha de barris. Mas ali, à direita delas, não via nada além do vão estreito entre a parede da frente e as colunas sobrepostas até a lateral do prédio no fundo. Isso significava, por sua vez, que McConville teria o mesmo campo de visão que ele. Se Lee se movesse entre as colunas na parede da frente, ficaria praticamente invisível para o outro homem por um tempo. Era a melhor chance que tinha. Olhou para Hester, e ela sacudiu as orelhas: “Pronta”.

Lee recarregou rápido a Winchester — “Que arma maravilhosa”, pensou. — e partiu, fazendo o menor barulho que conseguia com suas botas de couro sobre o piso de madeira. Atrás das três ou quatro primeiras colunas ele ficava imperceptível e pronto para atirar ao menor sinal de movimento na outra extremidade. Contudo, quanto mais avançava, mais arriscada era sua situação, porque à medida que o ângulo entre ele e McConville crescia, também aumentava o vão entre as colunas. Não tinha outro jeito: teria que fazer o restante do caminho correndo.

Lee parou no último ponto em que ainda ficava completamente encoberto (de frente para a abertura no centro do pavimento, por onde se içavam mercadorias pela talha), agarrou o rifle e correu. No mesmo instante lhe veio um pensamento súbito: “Minha sombra! Droga! Ele consegue ver minha sombra”.

O sol invadia o andar pelas janelas, e o atirador tinha acompanhado o progresso de Lee passo a passo através de suas sombras. Não antes que pudesse perceber aquilo, dois tiros ecoaram e ele caiu. Havia sido atingido, mas não tinha ideia de onde. Só pôde ver que estava caído entre a segunda e a terceira coluna. Com toda força que conseguiu



juntar, levantou-se e se arrastou em direção à pilha de barris. Caso se encolhesse bastante junto a ela, McConville não conseguiria vê-lo. *Talvez* não conseguiria... De todo modo, manteve-se ali, caído no chão, com Hester tremendo ao seu lado.

Lee levou os dedos à boca e só pôde fazer isso porque sua mão estava livre, e se ela estava livre... havia deixado o rifle cair. Jazia à vista do atirador, a alguns metros de Lee, inalcançável. Ele se sentou, apoiando as costas nos barris, sentindo o cheiro do óleo de peixe fedido, seu sangue fluindo de algum

lugar. Ouvia cada gota, cada rangido, tentando conter uma dor que estava à espreita, prestes a irromper.

Era em seu ombro, descobriu depois de um tempo. Onde exatamente não sabia precisar, pois a dor agora o castigava, inescrupulosa como um verdugo, tensionando-lhe todos os nervos. Tentou mover a mão e o braço esquerdos e viu que ainda respondiam, embora parecessem bastante enfraquecidos. Deduziu que a bala de McConville não havia acertado nenhum osso. Mas, droga, havia sangue por todos os lados. De onde é que estava vindo? Tinha sido atingido também em outro lugar? Lee sacudiu a cabeça para tentar clarear o juízo, e gotas de sangue voaram em seu rosto. Nesse instante, sentiu uma dor aguda na orelha esquerda, como se um tigre a tivesse arrancado um pedaço com os dentes. Ele teve que prender a respiração para não soltar um gemido. Bem, orelhas sangravam, é verdade, e se aquilo era o pior que lhe havia acontecido, ainda assim era bem melhor do que imaginara.

O silêncio no armazém, agora, só era perturbado pelo gotejar de sangue no chão. Do cais, vinham os sons distantes de trabalho sendo feito e o grasnado das aves marinhas. Sentado, Lee estava tenso, com uma arma emperrada no coldre e a muitos passos de uma que ainda funcionava. Não bastasse isso, ainda tinha que aturar o cheiro pestilento do óleo de peixe. A bala de alguém — provavelmente a sua — havia perfurado um dos barris não muito longe de onde estava caído, e dele escorria o óleo que se espalhava lentamente pelo chão. Em questão de uns cinco minutos, Lee estaria sentado em uma poça de óleo. Hester mantinha-se agachada, firme ao seu lado. Evidentemente ela sentia as dores que seu humano sentia, mas não reclamou.

— Scoresby! — chamou uma voz do outro lado da pilha de barris, mas Lee não respondeu. — Eu sei que você está aí, seu filho da mãe ordinário, e eu sei que te acertei. — a voz áspera e lenta continuou. — Claro que eu não tenho certeza se você já morreu, mas pode apostar que hoje é o seu dia, desgraçado. Acha que eu não te reconheci assim que te vi? Eu nunca esqueço um rosto. Você era o próximo na minha lista, lá em Dakota, pode crer! Ah, você tinha que ver a cara daqueles policiais quando eu dei um fim neles. Oh, sim! Um deles tinha uma daemon-cobra, e, numa hora em que estava distraído, eu peguei ela pela cauda e estalei no chão igual a droga de um chicote. Você nunca ia ver outro homem tão surpreso ao morrer. Isso aconteceu perto do Rio Cheyenne. Então, só sobrou o outro homem para a fúria de Pierre McConville. Ah, não é um bom cenário, Scoresby, pense nisso.

“Eu consigo ficar acordado por mais tempo do que qualquer pessoa — continuou. —, e ele pensou que conseguiria me deixar cansado, mas foi ele quem acabou caindo no sono. O palerma achou que tinha me amarrado bem, mas nada pode me segurar, Scoresby. Eu tenho um ótimo truque pra escapar. Me desprendi do laço e usei a corda pra amarrar as pernas do filho da mãe junto às mãos, depois peguei sua daemon, amarrei ela na égua que ele montava e soltei o bicho. Céus! Aquilo foi engraçado. Ele acordou todo embasbacado e viu que estava preso. Ficava repetindo ‘Aqui, Sunshine, querida. Não vá embora. Não, seu bicho burro, por favor... por favor não se mexa!’”. Bem, enquanto a égua não fosse pra muito longe, ele poderia até viver, mas se algo a assustasse... e foi isso: BANG! Eu tinha pegado a arma dele e atirado pro alto, e a velha Sunshine partiu igual uma bala de canhão. Para o desgraçado, foi como se uma mão viesse pelas costelas, segurasse o coração dele ainda batendo e puxasse, puxasse até que todas as veias se arreventassem e ele fosse arrancado. A essa altura o indivíduo já está mortinho da silva. Você nunca conseguiria escutar um grito igual ao que aquele homem deu. E eu vou fazer o mesmo com você, Scoresby, oh, sim! Tem uma talha grande logo ali no meio com uma corda nela, e eu vou usá-la pra te pegar, vou, sim! Vou brincar com você e com essa sua lebre magricela por um *bom* tempo...”

A poça de óleo já tinha se espalhado bastante e agora estava perto o suficiente para que Lee pudesse tocá-la se quisesse. Foi aí que viu Hester: a daemon olhou para a poça, depois para ele, e depois para o seu revólver, e Lee compreendeu imediatamente o que ela queria dizer.

McConville continuava falando, mas o aeróstata tentava apagar sua voz da mente e, com extremo cuidado, puxou a arma da cintura. Segurando-a em seu colo, pôs um dedo no óleo e pingou uma gota dele no pivô do cão da pistola. Fez o mesmo com o mecanismo de gatilho e de rolamento do tambor. Com a mão esquerda debilitada, segurou o cano o mais firme que pôde e rodou o tambor com a direita muito devagar, sentindo que ele se afrouxara. Puxou o cão para trás (que apresentou resistência no início, mas depois abaixou livremente) e conferiu a munição. Agora estava sentado com a arma inclinada, esperando a voz profunda de McConville se calar.

— É, Scoresby, seu fim começa agora. Acabou! Vai ser uma morte dolorosa e lenta, oh, sim! Eu contei bem uns trinta minutos no relógio bonito que roubei do soldado. Trinta minutos dele agonizando, até que eu resolvesse lhe dar um fim. Acho que posso fazer você durar um pouco mais. Isso só vai depender do quanto que você irá gritar.

Lee ouviu o som do homem se levantando e tossindo, como se tentasse encobrir um gemido de dor. “Então foi atingido!”, pensou. De repente, Hester ergueu as orelhas e ficou completamente tensa quando escutou, junto com Lee, um outro barulho: era o ar-



rastar de uma serpente sobre o chão de madeira, acompanhado do ruído seco de um chocalho. A daemon de McConville, impaciente para começar sua tortura, movia-se na direção deles, e a menos de dois metros do fim da pilha de barris, sua cabeça despontou.

Foi com um um salto que Hester a agarrou com força um pouco atrás da cabeça e, no mesmo instante, cravou os dentes na serpente. Lee sentia cada palpitação nos músculos da daemon, e cerrou os próprios dentes em um gesto de

cumplicidade. McConville soltou um grito alto de ódio e dor e caiu no chão, atrás dos barris. Incapaz de se mover, Lee olhava a luta furiosa entre a cascavel, que se enrolava, torcia, chicoteava, e a pequena lebre completamente, tensa, suas garras escorregando à medida que se arrastava pelo chão. Não havia nada em que ela pudesse se segurar com mais firmeza — nenhum relvado, nenhum raminho de sálvia —, nada além das tábuas lisas do soalho. A cobra tinha ao menos o dobro do peso de Hester, e Lee conseguia sentir com sua daemon o poder violento daquele corpo tortuoso se atirando freneticamente para a esquerda e direita na tentativa de se desvencilhar.

— Continue assim, garota! — Lee sussurrou. — Firme, querida...

Hester estava decidida. Apertou sua mandíbula trêmula, arranhando e escorregando, mas logo cravou os dentes com ainda mais força, puxando e arrastando a daemon pouco a pouco para longe de Lee. McConville soltava urros medonhos. O homem vinha se arrastando pelo chão — Lee podia ouvir suas botas escorregando, as unhas riscando o piso. —, seus gemidos e berros ecoavam pelo armazém, até parecer que todo o ar do espaço ficara impregnado daquela lamúria; então, esgotado, tropeçou já no fim da pilha de barris. Foi nessa hora que Lee atirou. McConville tombou de costas para a janela e deslizou para o chão. Na boca de Hester, sua daemon tinha se afrouxado e caído, embora a lebre continuasse puxando, agora com mais facilidade.

— Não... não... não faça isso! — McConville soluçava. — Não... seu coelho desgraçado...

Seu rosto estava pálido como uma folha de papel. Sua boca era um mero rasgo vermelho e seus olhos pareciam intumescidos.

— McConville — Lee disse. —, na fazenda do sr. Lloyd você matou Mike Martinez e Broadus Vinson se escondendo como um covarde. Então açulou o pobre Jimmy Partlett a entrar em uma briga, e ele, para provar que não era um covarde igual a você, aceitou. Você é um miserável, McConville, e este é seu fim.

Com um tiro, Lee o acertou no coração. A daemon-serpente se apagou, e Hester correu para os braços do aeróstata. Lee a pegou e beijou, e ficou ali a segurando até que ela parasse de tremer.

— É melhor ir andando, Lee — ela sussurrou depois de um instante —, ou vai acabar sentado em uma poça de óleo de peixe.

— Agora é que começam nossos problemas, Hester — Lee murmurou tentando se erguer, e conseguindo bem a tempo do óleo não o encontrar.

Cuidadosamente ele tentou mover o braço esquerdo e viu que ao menos isso conseguia. Colocou o revólver de volta no coldre e foi buscar o rifle. Da janela, Lee viu que a tripulação da escuna estava agora cobrindo o alçapão dianteiro — “Então já carregaram a mercadoria”, pensou. —, mas havia um homem morto no convés, debaixo de uma lona. Perto do cais, uma multidão encabeçada por Poliakov era mantida à distância por Iorek Byrnison, cuja grande massa de pelos mantinha-se firme sobre as lajotas de pedra, confrontando-os. Poliakov discursava para as pessoas, Lee podia ouvir o zumbido firme da sua voz, mas não conseguia escutar as palavras claramente. Parecia incitá-las a avançar e... bem, atacar a escuna, supôs, mas o urso não teria dificuldade alguma em enxotar um grupo muito mais valente do que aquele.

Da escuna vinha o barulho do motor auxiliar, e por um tubo à meia-nau subia a fumaça do exaustor: ela estava prestes a partir. Movendo-se devagar, Lee desceu as escadas e no andar térreo encontrou um caos completo de fardos de pele rasgados, placas de

madeira quebradas e a chapa da porta de metal caída ao lado da entrada; depois caminhou de volta à luz do sol no cais e ao encontro do urso.

— Bem, York Byrnison, o problema lá em cima já foi resolvido — ele disse.

A cabeça de Iorek girou para encará-lo, os pequenos olhos negros brilhando sob o grande elmo de ferro. De súbito, Lee sentiu sua cabeça rodar e perdeu o equilíbrio por um momento, mas com um gesto rápido o urso lhe amparou, agarrando o casaco do texano com os dentes e erguendo-o novamente. Então as coisas ficaram confusas.

Havia alguém gritando da multidão — ou o som vinha de mais além? Vozes altas berrando comandos e o passo rápido e ritmado de botas pesadas sobre o cais. Atrás de si, Lee ouviu um barulho de esguicho no mar e, ao se virar cuidadosamente, viu a cabeçorra de Iorek protegida com o elmo emergir da água e se afastar rapidamente. Contudo, teve de se virar novamente, pois uma voz no cais bradava irritada: “Você! Largue a arma! Largue ela agora!”. Vinha do homem à frente de um pelotão vestido com os uniformes da Larsen Manganese. O grupo estava parado à frente da multidão, com os rifles fazendo pontaria para Lee, como um pelotão de fuzilamento. Poliakov mantinha-se em segurança atrás deles, franzindo as sobrancelhas com um ar de deleite. Lee não se sentia disposto a entregar um rifle tão bom e estava prestes a dizer isso quando uma nova camada de tumulto foi adicionada à confusão.

— Sr. Scoresby, o senhor está preso! — uma voz diferente lhe falava às costas.

Com muita cautela, temendo que se sentisse tonto novamente, Lee se virou outra vez. O homem que falava estava acompanhado de outros dois: era jovem, estava armado com uma pistola e usava um uniforme diferente.

— E quem diabos é você? — Lee perguntou.

— Não ligue para ele — falou o chefe do pelotão. — Faça o que eu mandei!

— Eu sou o Tenente Haugland. Somos do Diretório da Aduana e Receita, sr. Scoresby — disse o jovem com calma. —, e repito: o senhor está preso. Agora largue o rifle.

— Bem, veja... — Lee explicou. — se eu fizer isso, o senador ali vai, de repente, recuperar sua coragem e mandar suas marionetes assumirem o controle da escuna do Capitão van Breda. Sabe, eu e meu amigo York Byrnison passamos por umas boas ajudando o Capitão a carregar sua mercadoria. Seria uma grande pena se, depois de tudo que fizemos, ele não pudesse zarpar. Eu não sei como resolver essa situação, sr. Oficial.

— Eu irei cuidar disso; agora largue a arma, por favor — o oficial então passou por Lee e encarou a linha de rifles sem mostrar nenhuma hesitação. — Todos vocês vão deixar o porto agora e cuidar das suas vidas — disse alto o suficiente para que a multidão pudesse ouvir também. — Se alguém permanecer nesse cais quando o relógio da Aduana anunciar o meio-dia, será imediatamente preso. Agora movam-se, todos.

Os homens da Larsen Manganese pareciam indecisos, mas Poliakov (ainda tomando o cuidado de se manter atrás do pelotão) berrou:

— Eu protesto! Isto é um ultraje! Sou o líder de um partido político devidamente organizado e posso ver que esta é uma tentativa descarada de cercear minha liberdade de expressão! Os senhores deveriam estar zelando pela manutenção da lei, e não lutando contra ela! Esse Scoresby é um criminoso...

— Já demos voz de prisão ao sr. Scoresby. Agora, se não desocuparem o porto imediatamente, também serão detidos. Vocês têm dois minutos.

A daemon-raposa do Tenente Haugland disse algo baixinho para Hester, então Poliakov endireitou-se todo e anunciou:

— Muito bem. Sob muito protesto, e com o sentimento de que fomos enganados por uma justiça que temos o direito de esperar e o dever de exigir, faremos o que pede. Mas desde já lhe aviso que...

— Um minuto e meio... — alertou Haugland.

Poliakov se virou, e as pessoas atrás dele abriram caminho para que ele passasse, depois o seguiram soturnamente. O esquadrão da Larsen relutava em se mexer, mas a postura impassível do oficial da Aduana os superou. Então, finalmente, o líder do grupo murmurou um comando, e eles se viraram e seguiram em direção ao passeio do cais. Depois, com outra ordem, puseram-se desajeitadamente em marcha.

— Sr. Scoresby, o seu rifle, por favor — pediu o jovem tenente.

— Eu preferiria devolver ao Capitão van Breda, já que a Winchester é dele — respondeu.

Não demorou e Lee ouviu passos apressados atrás de si, então virou-se devagar novamente e viu o Capitão correr em sua direção. Ele certamente ouvira o que o aeróstata havia dito, pois logo foi falando:

— Sr. Scoresby! Eu preciso lhe agradecer... eu... eu não tenho nada para pagar pelos seus serviços, a não ser esse rifle. Por favor, fique com ele, sr. Scoresby. É seu.

— Muito gentil da sua parte, Capitão. Eu aceitarei com muito prazer!

— Agora ponha ele no chão — insistiu Haugland.

Lee inclinou-se para colocá-lo no chão.

— E sua pistola também.

— Não está funcionando.

— Está sim. Ponha ela no chão.

Lee obedeceu e pôs-se novamente de pé sentindo-se tonto. Por um momento, os sons no porto foram diminuindo: o barulho das gaivotas, as vozes exaltadas no navio-tanque e na grua do outro lado do cais, o chape-chape da draga, as batidas do relógio na sede da Aduana. Então as cores do mundo pareceram esvair-se, como se uma grande nuvem negra surgisse do nada e tivesse engolido o sol, e tudo escureceu. Não durou mais que um instante, e logo Lee viu seu braço apoiado em outro oficial, voltando a recuperar os sentidos.

— Me acompanhe, por favor — disse o oficial caminhando rapidamente para o fim do cais.

Quando Lee passou pela escuna, pôde ver a tripulação desmontando o guindaste preso ao mastro, um homem desprendendo uma corda, e van Breda apressando-se sobre a prancha de desembarque berrando suas ordens.

— Aonde estamos indo? — Lee perguntou.

— Pensei que o prédio da Aduana ficasse pra lá.

— E fica — respondeu o Tenente, não dizendo mais nada.

Quando eles passaram o último armazém, Lee encontrou uma lancha com as cores branca e azul-marinho da Aduana presa a um lance de escadas. O motor roncava baixinho, e um marinheiro segurava o cabo através da amurada, a fim de manter



o barco firme quando o primeiro oficial embarcou. Lee abaixou-se para pegar Hester e a daemon lhe sussurrou:

— Está tudo bem, Lee. Vai ficar tudo bem.

Muito desorientado, ele subiu na lancha e se acomodou na pequena cabine, seguido pelos outros dois oficiais. O marinheiro desprendeu as amarras, enquanto que um dos homens da Aduana assumiu o timão e acionou o acelerador. Lee olhou de volta para a escuna, cuja proa já ia se distanciando do cais.

Haugland havia deixado o revólver e a Winchester em um banco de frente para Lee, e o aeróstata poderia pegá-los facilmente, porém ele preferiu manter-se onde estava e segurou Hester firme junto de si. A lancha avançou, passando pela draga e contornando o farol, depois começou a sacudir à medida que avançavam sobre as ondas em alto mar.

— Ok! Eu desisto! — Lee disse. — Vocês podem me dizer o que diabos está acontecendo?

— Sr. Scoresby, já pode pegar o seu revólver — falou o Tenente Haugland. — E acredito que o rifle seja seu também.

— É, eu estou sonhando, é isso — Lee pegou o revólver e girou o tambor, que funcionou sem problemas. — Aonde estão me levando e por quê?

— Nós vamos contornar o promontório até o depósito da Barents Sea Company, onde encontrará seu balão inflado e pronto para partir. Ah, a propósito, aqui está sua bagagem da pensão.

O tenente tirou o saco de viagem de um armário, e Lee (entorpecido demais para surpreender-se mais ainda com tudo aquilo) apenas acenou e pegou a bagagem quieto. O oficial no timão mudou o curso, e a lancha balançou, girando sobre o mar agitado. Lee observava a costa rochosa quando uma foca emergiu da água, depois outra, e mais outra...

— Estão fugindo do urso — explicou Haugland.

— Onde ele está?

— A caminho do depósito também. Focas não são a prioridade dele no momento. Ele quer te dar uma coisa.

— Bem, essa tem sido uma manhã cheia de surpresas.

— O fato é o seguinte, sr. Scoresby: há uma batalha em curso nas terras do Norte, e essa ilha é um microcosmo dela. De um lado estão instituições cíveis devidamente constituídas, como o Escritório de Aduana e Receita; enquanto que de outro está o poder descontrolado das grandes empresas privadas, que cada vez mais vêm tomando o controle da esfera pública, sem estarem, contudo, sujeitas a sanções regulamentares — o caso da Larsen Manganese. Se o sr. Poliakov vencer essa eleição, ele vai facilitar e muito a vida da Larsen e de seus coligados em detrimento do povo de Novy Odense.

— Eu pensei que a campanha dele fosse sobre a questão dos ursos — Lee disse. — Que a plataforma dele fosse essa.

— Isso é o que ele quer que as pessoas simples pensem.

— Oh, “pessoas simples”, hein? Bem, parece que funcionou.

— Até agora, ele teve bastante cuidado em manter-se dentro da lei, mas essa tentativa de privar o Capitão van Breda de carregar sua mercadoria foi longe demais. Quem quer que tenha contratado aqueles pistoleiros também estava, evidentemente, cometendo um crime, e não tenho dúvidas de que será impossível encontrar alguma prova da ligação deles com o Poliakov. Também estou certo de que os advogados dele conseguirão enganar o tribunal e obter uma absolvição no caso da carga. Em suma, sr. Scoresby, estamos gratos

pelo que fez. Sua atitude é ainda mais honrosa quando posto que o senhor não tem nenhum interesse pessoal envolvido no assunto.

— Ah, eu não ligo muito pra honra — Lee disse desconfortável.

— Bem, de qualquer modo estamos agradecidos. Você encontrará seu balão totalmente abastecido, e parece que há um bom vento vindo do leste.

Lee olhou pela janelinha da cabine e viu que se aproximavam rapidamente do molhe que levava ao depósito. Ele pôde ver seu balão, como o jovem tenente havia prometido, cheio e balançando com o vento. Sua rápida estadia em Novy Odense, pensou, tinha sido um caso de “Obrigado pela visita e não volte nunca mais”.

Ao se aproximarem, a lancha diminuiu a velocidade, avançando sobre as águas calmas da baía artificial. Lee procurava tomar cuidado com os movimentos por causa do dano em seu ombro. Ele doía como nunca, mas até onde pôde ver, não havia sofrido nenhum dano estrutural. Sua orelha também o castigava. Havia um rasgo com a forma de uma mordida no topo dela, grande o suficiente para caber um dedo, e ainda sangrava.

— Antes de você me despachar no meu balão, cortar a corda e acenar um adeus — ele disse. —, será que tem algum lugar aí em que eu possa me ajeitar. Digo, se você não tiver nenhuma objeção, eu gostaria de remendar esses buracos que acabei adquirindo antes de ir.

— Não tenho objeção alguma — Haugland respondeu laconicamente.

O oficial no timão desligou o acelerador e a lancha deslizou mansamente até parar ao lado de um píer de madeira. Um instante depois, quando a embarcação já estava presa, Lee se levantou para seguir os oficiais em terra firme. O prédio da Barents Sea Company era contornado por várias construções menores, e o aeróstata foi levado primeiro para assinar a devolução de seu balão. O escriturário o olhou sem muita curiosidade.

— Parece que você encontrou alguém com quem lutar então, hein? — ele disse.

Lee viu que a taxa pelo armazenamento do balão e a despesa com o gás já haviam sido pagas. Ele empurrou o formulário de liberação de volta ao balcão sem dizer uma palavra — o fato era que não conseguia pensar em nada a dizer.

— Por aqui, sr. Scoresby — orientou Haugland.

O Tenente o conduziu a um lavabo, onde Lee se despiu dolorosamente até a cintura e se limpou o melhor que pôde, com Hester o ajudado a avaliar os danos. Ele ficou feliz em ver que o tiro de McConville atravessara seu ombro sem se alojar. Talvez tivesse cortado o osso um pouco no caminho, mas pelo menos não teria o azar de tirar uma maldita bala do ferimento. Quanto à orelha, estava bastante danificada, mas ainda conseguia ouvir com ela.

— Ela nem era tão bonita assim, de qualquer jeito — Hester comentou.

— Era a mais bonita que eu tinha — Lee respondeu.

— Sr. Scoresby — o oficial chamou, batendo à porta —, há um médico aqui para avaliá-lo.

Lee abriu a porta, tremendo com o vento forte, e encontrou o Tenente Haugland sorrindo ao lado de Iorek Byrnison. O urso carregava algo verde escuro na boca, que depositou nas mãos do oficial.

— Musgo-sanguíneo — ele disse. — Me deixe ver as feridas.

— É um remédio e tanto — comentou Haugland, enquanto Lee se virou para mostrar o ombro a Iorek. — Ele possui propriedades antissépticas e analgésicas muito superiores a qualquer coisa que tenhamos em nossos hospitais.

O urso pegou alguns fios do musgo e mastigou-os brevemente; depois deixou cair a papa triturada na mão direita de Lee.

— Coloque isso na sua ferida e pressione — orientou Iorek. — Vai sarar logo.

— Puxa, muito obrigado, York Byrnison — Lee disse. — Fico muito grato.

Lee fez o melhor que pôde com aquele musgo empapado. O Tenente destacou um pedaço de esparadrapo e cobriu sua ferida, e Lee vestiu-se novamente. Enquanto ainda punha a camisa, ele ouviu passos apressados e a voz de outro homem: uma voz conhecida. Por um momento Lee parou, tentando avaliar o que fazer, e quando puxou a blusa para baixo, viu o poeta e jornalista Oskar Sigurdsson, que segurava um bloquinho de anotações e falava avidamente com o Tenente Haugland.

— ... e chegou ao meu conhecimento que... Ah! O herói em pessoa! Sr. Scoresby! Meus parabéns por sua fuga bem-sucedida! Seria muito incômodo me conceder uma entrevista sobre todo esse episódio notável?

Lee olhou em volta. O píer ficava só a alguns metros de distância.

— De modo algum, sr. Sigurdsson — ele respondeu. —, mas acho que precisaremos de um pouco mais de privacidade. Queira me acompanhar.

O aeróstata abriu caminho em direção ao píer e Sigurdsson o seguiu ansiosamente. Quando chegaram ao final da estrutura, Lee apontou para o mar.

— Sabe, consegue ver aquele pontinho lá no horizonte? Um barco, talvez?

Sigurdsson olhou, protegendo os olhos com a mão.

— Acho que sim, é... — ele começou a falar, mas não concluiu, pois Lee dera um passo para trás e, com uma perna, empurrara o poeta pelas costas. O homem soltou um grito de surpresa e caiu no mar, os braços se agitando. O texano então voltou ao lavabo e disse aos oficiais:

— Parece que o sr. Sigurdsson caiu na água, e talvez precise de uma mãozinha para sair de lá. Eu me voluntariaria em ajudá-lo, mas não me sinto muito disposto.

— Acho que temos sorte em vê-lo partir, sr. Scoresby — disse Haugland. — Petersen! Por favor, tire o homem da água e lhe dê algo para se secar.

Um oficial correu até o píer com uma boia e, antes que Lee pudesse ver Sigurdsson sendo resgatado, escutou novamente passos em sua direção — mais apressados desta vez —, e na esquina dos edifícios surgiu outro de seus conhecidos.

— Sr. Vassiliev! — Lee falou. — Veio se despedir?

O economista estava sem fôlego, seus olhos arregalados de tanta ansiedade.

— Estão vindo para cá... os seguranças da Larsen... eles têm... ordens para matar você e o urso... Poliakov está furioso!

Iorek soltou um rosnado e virou-se para o mar, mas Vassiliev continuou:

— Uma canhoneira vem vindo nessa direção também. Não tem saída.

— Tem uma, sim — Lee disse. — Já voou alguma vez de balão, York Byrnison?

— Iorek — rosnou o urso. — E não, sr. Scarsby, nunca voei.

— Iorek. Entendi. E eu sou o “Scoresby”, mas me chame só de Lee. Bem, a hora é agora, Iorek. Sr. Vassiliev, tenha um bom dia e muito obrigado!

Lee cumprimentou o economista, então o Tenente Haugland acompanhou ele e o urso em direção ao balão, que parecia tremer de excitação para livrar-se das amarras e subir para os céus. O aeróstata checkou os instrumentos: estava tudo em ordem.

— Agora vá — disse Haugland apertando sua mão. — Ah, e pegue seu rifle.

O tenente entregou a Winchester a Lee, que a recebeu com prazer, pois a arma parecia ter sido feita para ele. Ele a embrulhou em um oleado antes guardá-la cuidadosamente na gôndola.

— Pronto, Iorek? — Lee perguntou.

— Isso é algo estranho para mim — disse o urso. — Mas irei confiar em você. Você é um homem do Ártico, Lee Scoresby.

— Sou é? E como é isso?

— Sua daemon é uma lebre-do-ártico.

— Uma *o quê*? — disse Hester. — Eu achava que era só uma lebre comum.

— Uma lebre-do-ártico — Iorek disse brevemente e Haugland assentiu.

Lee estava tão atônito quanto sua daemon, mas não havia tempo para discutir o assunto no momento. Iorek escalou a lateral da gôndola espaçosa e testou sua força com satisfação, então Lee foi se juntar a ele.



— Tenente Haugland, eu estou muito grato ao senhor — Lee disse. —, mas ainda não consigo entender como sabia quem eu era e onde eu estava hospedado.

— Você deveria agradecer à srta. Victoria Lund — ele respondeu. —, com quem, a partir desta manhã, terei a honra de me noivar. Ela me falou que o senhor tinha sido bastante cortês com ela.

Lee tirou o chapéu e coçou a cabeça, depois enfiou-o de volta e abaixou a aba, pois havia percebido que estava corado.

— Por favor... ah... mande meus cumprimentos à srta. Lund — murmurou. — E parabéns pelo seu noivado, senhor. Ela é, sem dúvida, uma moça notável — e não ousou olhar para Hester. — Hmm, é melhor ir andando. Iorek, caso eu precise usar as duas mãos, terei que lhe pedir uma ajudinha até que esse musgo-sanguíneo faça efeito. Agora, se afaste um pouco.

Lee soltou a corda e o balão se lançou para cima veloz. A coisa parecia ter uma confiança própria, como se soubesse exatamente aonde ir e estivesse bastante ansiosa em chegar lá: parecia ter vida. Lee adorava aquela primeira onda de velocidade, e Hester também.

Ele verificou os instrumentos e percorreu o céu com os olhos, depois olhou para baixo, para aquele cenário que ia diminuindo rapidamente. Com a ajuda do binóculo, viu uma figura pequena envolvida em cobertas no píer; ao longo da estrada que levava à cidade, um comboio de veículos blindados seguia para o depósito, e, no mar, uma canhoneira rumava rápido na mesma direção. Mais adiante, pôde ver que a escuna já havia passado pelo farol. A tripulação já havia levantado as velas, e o navio era empurrado pelo forte vento leste, que ia levando também o balão.

Iorek mantinha-se agachado no chão do cesto absolutamente imóvel. Inicialmente Lee achou que o urso estivesse dormindo, mas então percebeu que ele só estava com medo.

— Você acha que o Tenente Haugland vai conseguir lidar com aqueles valentões da Larsen? — Lee perguntou com o intuito maior de distraí-lo, pois não tinha dúvidas quanto ao jovem oficial.

— Sim. Eu tenho uma grande consideração por ele.

O aeróstata sabia que essa “grande consideração” de Iorek era algo que valeria muito a pena conseguir. Hester se moveu e ficou perto da cabeça do urso, acomodando-se no chão para conversar com ele baixinho. Lee não a incomodou, e então foi checar o barômetro, o manômetro e a bússola novamente — embora a bússola não ajudasse muito estando tão ao Norte. —, depois desembulhou o rifle e ficou contemplando-o. Ele poliu a arma e lubrificou as peças com um óleo de máquina novo que, para sua surpresa, encontrou em uma lata dentro da caixa de ferramentas. Quando terminou, enrolou-a novamente com cuidado e a prendeu em um suporte. Tinha aprendido sua lição: iria cuidá-la com carinho durante toda sua vida, e trinta e cinco anos mais tarde a Winchester estaria em suas mãos quando morresse.

Olhando em volta da gôndola excepcionalmente arrumada, Lee encontrou alguns pacotes bem enrolados no armário a estibordo e, ao abrir um, achou alguns *knäckebröd** de centeio e um queijo duro. Ele também descobriu que estava com muita fome.



Depois de um tempo, quando já estavam a muitos pés no azul do céu e tudo estava bem, Lee abriu o saco de viagem e apanhou o colete para se aquecer. Suas roupas estavam cuidadosamente dobradas como nunca estiveram, e sobre elas repousava um raminho de lavanda.

— É, Hester — ele disse —, tem sido um dia cheio de surpresas, sem dúvida. Como vai o Iorek lá atrás?

— Dormiu — ela respondeu. — E qual foi a surpresa? Você agindo como um idiota e beijando aquela lavanda? Não tem nada de surpreendente nisso.

— Não, não acho que seja isso. É que eu poderia ter me apaixonado por aquela garota, e agora estou aqui voando com um urso... isso é surpreendente.

— Seria mais surpreendente se você o deixasse lá. Você nunca faria isso. Se por algum motivo não pudéssemos levá-lo, estaríamos lá lutando ao lado dele.

— É, tudo bem então. Descobrir que você é uma lebre-do-ártico... isso foi surpreendente. Puxa vida! Eu fiquei surpreso.

— Surpreso? Mas por que diabos você ficaria surpreso? Eu não estou surpresa — disse Hester. — Iorek está certo. Eu sempre soube que tinha muito mais classe do que um mero coelho comum.

FIM

* N.T.: Um tipo de pão tradicional das regiões escandinavas com a forma de uma bolacha retangular grande.



PERIGO NO POLO*

Uma vez a cada dez anos, a grande Corrida ao Polo toma conta das regiões mais remotas do Norte gelado. Destemidos balonistas de todo o Ártico (desde comerciantes profissionais até amadores aventureiros) e seus daemons se reúnem na cidade de Reykjavik, em Fireland, para participar dessa competição perigosa que envolve habilidades incríveis e riscos mortais.

Como tradição, a Corrida tem início no começo do outono, quando as condições meteorológicas são ideais para o balonismo e o mar ainda está congelado. Mas não se engane, pois essa é apenas a calmaria antes da tormenta, já que as primeiras tempestades catastróficas do inverno podem chegar sem nenhum aviso e causar desastres.

Este é um desafio tão perigoso que por inúmeras vezes tentou-se decretar seu banimento. Pois é do conhecimento de todos que no Polo Norte existe um vasto sistema de galerias subterrâneas que se abre para o centro da Terra, e por onde o Oceano Ártico escorre em um grande vórtice de água e gelo. É algo tão tenebroso que não há registros de alguém que tenha ido lá e voltado com vida.

Agora você e seu daemon poderão experimentar todas as emoções da Corrida ao Polo juntos. As cortesias normais dos jogos se aplicam aqui, e os jogadores só poderão consultar seus daemons. Você irá precisar de um dado e um lápis.

Emocionante demais para menores de 5 anos.

REGRAS DO JOGO

- I. Este é um jogo para 4 a 6 pessoas e seus daemons. Cada jogador deve escolher um Balão de cores diferentes.
- II. Decidam quem irá jogar o dado primeiro. Aquele que tirar a menor pontuação será o primeiro a decolar com seu balão. Esse jogador tem o número de casas dobrado na rodada por conta do céu limpo.
- III. Em sentido horário do primeiro jogador, os demais continuam jogando o dado para saber até onde vão.
- IV. Qualquer Risco que você encontrar no caminho deverá ser obedecido.
- V. Se um jogador pousar em uma Rosa dos Ventos , significa que ele deverá enfrentar as constantes mudanças do vento ártico que tornam essa corrida tão perigosa. Gire a Rosa dos Ventos, para descobrir em qual direção você e seu balão serão soprados**. Mova-se uma casa no sentido apontado pelo mostrador.

* N.T.: Estas instruções referem-se ao jogo de tabuleiro *Perigo no Polo (Peril of the Pole)*, que acompanha a edição física do livro.

** É importante que você tome muito cuidado ao montar sua Rosa dos Ventos. Qualquer imprecisão na leitura do instrumento pode levar você e seu balão a voar centenas de milhas fora do curso e desqualificá-lo da competição. Siga as instruções e tenha uma corrida emocionante. Caso sua Rosa dos Ventos não esteja funcionando com a devida precisão, use o dado para definir a direção do vento. Se você conseguir 1, 2 ou 3, deve seguir para o Norte, em direção ao Polo. Um 4 lhe mandará para o Sul, e um 5, para o Leste. Com um 6, você deverá seguir para o Oeste.

- VI. Os oficiais encarregados pela Corrida não permitem que dois balões dividam o mesmo espaço aéreo. Caso você pouse em uma casa já ocupada pelo balão de outro jogador, este jogador deverá mover-se o mesmo número de casas que você acabou de percorrer. Qualquer Risco encontrado por conta dessa mudança deve ser obedecido.
- Exemplo:** Se o *Jogador A* conseguir um 4 no dado e acabar aterrissando na mesma casa que o *Jogador B*, o *Jogador B* deve avançar 4 casas.
- VII. As seis últimas casas antes do Polo estão dentro da Zona do Vórtice. Essa é uma área de estranha calma, mas que também guarda perigos mortais. Quando um jogador pausa em uma das casas vermelhas da Zona, ele está seguro e não precisa se mover novamente até que tire o número exato de casas restantes para chegar ao Polo.
- Exemplo:** Se um jogador ficar a 3 casas do Polo e tirar um 6 no dado, irá continuar onde está e esperar pela próxima rodada.
- VIII. Se você tiver o infortúnio de alcançar o Polo, seu balão e tudo que tiver nele serão esmagados pelo gelo turbulento e correntes oceânicas mortais que lá residem.
- IX. O último balão a permanecer no ar vence a corrida!

NOVOROSSISK, Rússia. Lat. 60° 47' N; Long. 21° 24' L.

Uma área portuária em ascensão na costa caucasiana do Mar Negro, a pouco mais de 640km de distância de Odessa, e 320km de Batumi. **Pop.** 40.000. **Com.** Imp. Maquinaria em geral. Exp. Cereais, sementes, resíduos da fabricação de óleo, querosene, artigos de carvalho. Está conectada à malha ferroviária russa por um ramal no sentido de Tichoretskai em Vladikavkaz, e faz conexão com Petrovsk e Baku (ligando, assim, os Mares Negro e Cáspio). Acredita-se que o elevador da Companhia Ferroviária seja o maior do mundo. **Infr.** Conta com 7 píeres de carregamento, dos quais 5 (incluindo 2 com elevador) pertencem à Companhia Ferroviária, 1 à *French Standard Oil Co.* e 1 à *Russian Steamship Co.*; o que permite a atracação de cerca de 22 navios. A profundidade da água nesses píeres varia entre 24 e 26 pés. Possui 2 quebra-mares. Há gruas para 5, 10 e 20 toneladas, 1 navio guindaste com capacidade para 40 toneladas, e a capacidade do elevador é de 3.000.000 poods. **Encargos.** Tarifas portuárias impostos aduaneiros, despesas de embarque e desembarque da carga: a Companhia Ferroviária exige dos navios 10 kopeks por tonelada de sua arqueação líquida para o uso dos píeres. Para os comerciantes, a taxa é de ___ a 1___ kopeks por pood da mercadoria carregada ou descarregada pelo uso dos vagões, pelo serviço dos funcionários etc. A Aduana exige 20 kopeks por tonelada da arqueação líquida das embarcações. Não há praticagem. O descarregamento, em geral, custa cerca de 50 kopeks por tonelada. **Autoridades.** Vice-Cônsul Britânico, A. Geelmuyden; Agente da Lloyd's, ____.

NOVY ODENSE, Moscúvia. Lat. 64° 34' N; Long. 40° 32' L.

(Na ilha de mesmo nome). Ferrovia para a *Barents Sea Company*. **Pop.** 12.000. **Maré Alta.** Varia. Ocorre cerca de 1 hora mais tarde a cada dia. **Com.** Imp. Carvão, sal, ferramentas, maquinaria, madeira, açúcar, grãos, carnes congeladas e em conserva, café, vinhos, destilados, lonas, cordas etc. Exp. Óleo de peixe, óleo de foca, óleo pétreo, peixe em conserva, couro, peles. **Infr.** Conta com um bom porto. Embarcações de 17 e 18 pés conseguem atracar ao longo dos cais. O canal tem uma profundidade de 19 pés, e sobre os corais há aproximadamente 21 pés de água. Navios com 18 pés devem atravessar os corais e o banco de areia em preia-mar. Já embarcações de 17 pés ou menos, podem navegar na maré baixa. A dragagem acontece durante todo o verão. O cais leste conta com bons galpões de armazenamento, já ao longo do cais oeste, além dos galpões, há uma linha de trilhos para carga e descarga de mercadorias. O cais oeste tem uma grua a vapor com capacidade para 20 toneladas, enquanto que no cais leste há dois guindastes ambáricos de 12 e 8 toneladas de capacidade. **Encargos.** Taxas de tonelagem, 20 kopeks por tonelada da arqueação. A Aduana é bastante rigorosa em relação à declaração de bens, lojas etc., desembarques sem autorização e ocultação de informações. Embarcações de carga com lastros sólidos têm de pagar 40 kopeks por tonelada da mercadoria. **Praticagem.** A praticagem no porto não é compulsória, mas se for necessário contratar um prático, o valor usual é de 6 kopeks por tonelada da arqueação para entradas e 6 kopeks para saídas. Reboques: 36 a 80 rublos do porto até o mar para navios comuns e a vapor. **Abastecim.** Carvão, gás natural e óleo pétreo disponíveis na *Barents Sea Company*, 2 milhas SSO (2 molhes, boa ancoragem perto da costa com 15 a 20 braças. Embarcações com mais de 15 pés são carregadas e descarregadas com o auxílio de barcas, que por sua vez, são carregadas e descarregadas ao longo dos molhes). **Autoridades.** Capitão do Porto, J. Aagaard; Comissário da Aduana, K. Hagström, Cônsul-geral Britânico, W.R.K. Ward; Agente da Lloyd's, A. Deacon. **Corretor.** I. A. Denisov.

NYBORG, Dinamarca.

À frente de um fiorde com cerca de 5 km de extensão no lado oposto ao *Grande Belt*. **Pop.** 8.000. **Com.** Imp. Grãos, sementes de algodão, resíduos da fabricação de óleo, resíduos da fabricação de óleo de girassol, carvão, madeira. Exp. Cevada, manteiga, carne de porco, bacon, gado. **Infr.** O antigo porto leste tem uma P. de 18___ pés; **Encargos.** Taxas de entrada e saída do porto 20 øre por tonelada, ou 10 øre por viagem individual, carregado ou com lastro; lastro 85 øre por tonelada, taxa de lastreamento, 2 øre por tonelada da arqueação. **Praticagem.** De acordo com a pauta aduaneira. **Autoridades.** Vice-Cônsul Britânico, A. Birch; Agente da Lloyd's, R. O. Clausen.

EPISÓDIO CHOCANTE NO PORTO.

DOIS HOMENS MORTOS EM TIROTEIO NO ARMAZÉM

MALFEITOR E SEU CÚMPLICE URSO FOGEM DE BALÃO.

Por nosso Correspondente Especial
Oskar Sigurdsson.

Dois funcionários de confiança da Larsen Manganese Company foram impietosamente assassinados ontem no exercício de suas funções, e mais dois ficaram gravemente feridos.

Toda a situação aconteceu no ambiente tranquilo do porto de Novy Odense, onde um navio vinha sendo mantido sob a guarda da Autoridade Portuária há alguns dias, após seu capitão se recusar a pagar as taxas pelo armazenamento de uma carga que ele afirmava ter o direito de estivar.

Ao que tudo indica, o capitão de nome van Breden contratou um assassino para conseguir, através da força, o que sua teimosia não pôde alcançar.

O perpetrador deste crime pavoroso parece ser um estrangeiro, Leigh Scroby, um

texano que chegou à nossa cidade de balão. Era evidentemente um assassino a sangue frio e calculista. Este correspondente conseguiu uma breve entrevista com ele na noite anterior aos trágicos eventos no porto, e o que ficou claro, mesmo no ambiente civilizado do Paço Municipal, foi que o sr. Scroby era um homem cuja natureza enganosa e violenta o tornava incapaz de ser um aliado dos que desejam somente o amor e a paz. Ele exibia sua arma sem pudor, arma esta que aparentava um ótimo estado de conservação e parecia estar pronta para agir.

O que tornou o crime ainda mais chocante aos olhos dos cidadãos de bem foi o fato do facínora estar acompanhado de um urso. Este bruto selvagem, desprezível até para os padrões de sua raça, evidentemente conspirou de forma premeditada com Scroby toda essa ação atroz.

Os dois malfeitores fugiram da cena do crime juntos, auxiliados (é triste dizer) por autoridades do Escritório de Aduana e Receita, cujo oficial-maior, ao colocar miudezas legais à frente de qualquer coisa, acabou impedindo a aplicação rápida e severa da justiça natural.

Aqueles com alguma perspicácia sobre questões políticas conseguirão encontrar em todas as circunstâncias que envolvem esse trágico evento mais provas (se é que são necessárias provas) da abrangente sabedoria de Ivan Dimitrovich Poliakov, o principal candidato a Prefeito na eleição que se aproxima.

O sr. Poliakov escreve nesta edição da *Novy Odense Courier and Telegraph* (p. 7).

FACULDADE STA. SOPHIA, Oxford

18 de Outubro

Caro Tom,

Vai ter que ser Hist. Econ. porque simplesmente não há nenhuma maneira de examinarem o que eu sei sobre o aletiómetro. Idealmente haveria uma banca de homens e mulheres que me testariam e julgariam o mérito da tese e tudo mais, só que apenas Dama Hannah e eu conseguimos fazer leituras, e devo dizer que estou começando a saber mais coisas do que ela. Vou ter de continuar as leituras como uma atividade particular, e – bem, sozinha. Pelo menos Hist. Econ. tem uns assuntos bem interessantes e claros, e eu escolhi um ótimo tema. Tenho muitos documentos e materiais também (experiência pessoal etc.), e, se eu conseguir todas as qualificações da pós-graduação, vou poder lecionar e tirar meu sustento disso. Então, o que você acha desse título: "Padrões de Comércio na Região Ártica, com Ênfase na Atividade Carqueira de Balões Autônomos (1950-1970)"?

Acho que vai ser um arraso.

Sua,
L

FACULDADE STA. SOPHIA, Oxford

Terça-feira, 2 de Janeiro

Caro Dr. Polstead,

Me desculpe incomodá-lo, mas gostaria de saber se o sr. poderia me ajudar com uma coisinha. Eu tenho alguns materiais impressos que gostaria de adicionar à bibliografia da minha dissertação – alguns deles são só fragmentos, na verdade, nada mais que meras ~~efemelidades~~ efemeridades, mas juntos formam uma boa imagem do tema; e o que gostaria de saber é como eu posso referenciá-los corretamente, já que não são coisas mais corriqueiras como livros. Também gostaria que me esclarecesse se, quando o item a que me refiro no texto é, por exemplo, um recorte de jornal que não pode ser achado em Oxford, nem na Inglaterra, e, assim, não pode ser checado pelos examinadores, é necessário fornecer o original? Isso não seria um problema para mim, contudo alguns desses itens são preciosos por razões pessoais, e tenho que dizer que os examinadores vão ter que devolvê-los intactos.

Desde já agradecida.

Sua,

Lyra

CERTIFICADO PARA DISSERTAÇÕES
APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA.

Este certificado deve ser colocado em um envelope selado, contendo em seu exterior apenas o número do candidato. Precisa estar endereçado ao Presidente da Banca de Avaliação, ser entregue pessoalmente na Examination Schools em High Street e depositado no recipiente indicado.

Número do candidato: 23

Nome: *Lyra da Língua Mágica*

Faculdade: *Sta. Sophia*

Título do programa de mestrado: *M. Phil. em História Econômica*

Título da dissertação: *Desenvolvimento dos padrões de comércio na região do Ártico Europeu, com ênfase na atividade carqueira de balões autônomos (1950-1970)*

Número de palavras usadas: 28.950

Eu declaro o seguinte:

1. O conteúdo da presente dissertação é um trabalho de minha exclusiva autoria, excetuadas citações e excertos devidamente referenciados.
2. Nenhuma parte substancial deste trabalho foi apresentada em qualquer outro curso de graduação ou exame.
3. Este trabalho não excede os limites prescritos para o nível de graduação, incluindo-se as notas de rodapé e excluídos os apêndices (obtidos com a devida autorização) e traduções para o Inglês de passagens em outras línguas.

Assinatura do candidato: *Lyra da Língua Mágica*